



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANA SUÉLEN SILVA OLIVEIRA

**AÇÕES DE INCENTIVO À RENDA RENASCENÇA NO CARIRI PARAIBANO:
A PERSPECTIVA DE RENDEIRAS ASSOCIADAS**

**SUMÉ - PB
2022**

ANA SUÉLEN SILVA OLIVEIRA

**AÇÕES DE INCENTIVO À RENDA RENASCENÇA NO CARIRI PARAIBANO:
A PERSPECTIVA DE RENDEIRAS ASSOCIADAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.

**SUMÉ - PB
2022**



048a Oliveira, Ana Suélen Silva.
Ações de incentivo à renda renascença no Cariri
Paraibano : a perspectiva das rendeiras associadas.
/ Ana Suélen Silva Oliveira. - 2022.

78 f.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Costa
Carvalho de Araújo Lima.

Monografia - Universidade Federal de Campina
Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências
Sociais.

1. Renda renascença. 2. Artesanato - renda
renascença. 3. Associação de artesãos. 4. Cariri
Paraibano - renda renascença. 5. Rendeiras. 6. Moda
- renda renascença. 7. Políticas de incentivo à
renda. 8. Associativismo. I. Lima, Maria Helena
Costa Carvalho de Araújo. II Título.

CDU: 334.73(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ANA SUÉLEN SILVA OLIVEIRA

**AÇÕES DE INCENTIVO À RENDA RENASCENÇA NO CARIRI PARAIBANO:
A PERSPECTIVA DE RENDEIRAS ASSOCIADAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Profaessora Dra. Maria Helena Costa Carvalho de Araújo Lima.
Orientadora - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora. Dra. Junia Marússia Trigueiro de Lima.
Examinadora Interna - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora. Dra. Raíza Ribeiro Cavalcanti.
Examinadora Externa - USACH**

Trabalho aprovado em: 08 de abril de 2022.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, agricultores, que não mediram esforços para garantir os meus estudos, sempre me apoiando independentemente de minhas escolhas. A minha mãe, Socorro Silva, por me ensinar a ler e escrever antes mesmo de frequentar uma escola. A meu pai, Adriano Oliveira, por todo o incentivo para que eu pudesse continuar persistindo em busca dos meus sonhos. Minha profunda admiração pelos dois que, mesmo não tendo a oportunidade de ingressar em uma universidade, me ensinaram valores que nenhuma instituição é capaz de ensinar.

Aos meus irmãos César, Alane e Lucas e a minha vó paterna, Ceíça.

Ao meu gato Naruto, por me fazer tão bem, principalmente naqueles dias em que é difícil suportar o peso do mundo.

Às minhas ex-professoras de Língua portuguesa do ensino médio, Rosimere Sales e Sandra Aparecida.

Às amigas sinceras que o curso de Ciências Sociais pôde me proporcionar, fazendo com que esses longos anos de graduação se tornassem algo mais leve.

Ao corpo docente e todos aqueles que fazem parte do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA.

À minha orientadora, Lena Costa Carvalho, por todo apoio e ensinamentos ao longo desses anos, desde as disciplinas até os programas e projetos de que participei com a sua orientação. Quando reflito sobre a docência, logo penso no poder de inspirar e transformar vidas. E foi isso que Lena me despertou: o amor pela educação e por dar o meu melhor em tudo o que eu faço. Além de me fazer gostar ainda mais de gatos (risos).

A todas as rendeiras do Cariri paraibano, em especial àquelas com quem pude conviver e ouvir suas histórias durante a realização da pesquisa. Além das conversas informais, também gostaria de agradecer aquelas que se dispuseram a conceder as entrevistas. Foi um enorme prazer ouvir a história de cada uma.

“O otimista é um tolo. O pessimista, um chato.

Bom mesmo é ser um realista esperançoso”

Ariano Suassuna

RESUMO

OLIVEIRA, Ana Suélen Silva. **Ações de incentivo à renda renascença no cariri paraibano:** a perspectiva de rendeiras associadas. UFCG, 2022. 75p. (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais)

Esta pesquisa foi desenvolvida no contexto da produção de renda renascença na Paraíba. Considerando as intervenções iniciadas a partir dos anos 2000 implementadas pelo governo do estado, entidades estatais e estilistas do campo da moda. Diante disso, tomei como objetivo analisar a perspectiva de rendeiras vinculadas a associações voltadas para a renda renascença acerca das ações de incentivo à atividade, tomando como recorte cinco municípios do Cariri Ocidental paraibano que se destacam nessa produção (Monteiro, São João do Tigre, Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê). O trabalho teve como base os estudos de Albuquerque (2002), remetendo à renascença como elemento de valor simbólico; Moraes (2018), indicando como a atividade artesanal se tornou um produto de valor agregado; Silva (2019), analisando as dinâmicas socioculturais da renascença e Rodrigues (2019), evidenciando a expropriação do trabalho. O aporte teórico escolhido para privilegiar a perspectiva das rendeiras está ancorado na sociologia da vida cotidiana sobre o viés de Martins (2014). O percurso metodológico adotado seguiu os caminhos do mesmo autor, juntamente com Whyte (2005) através da observação participante no Centro de Referência da Renda Renascença – CRENÇA, além da realização de 11 entrevistas semiestruturadas, sendo 4 com líderes de associações e 6 com rendeiras associadas. Nos relatos, foi constatado que, apesar da divulgação em mídias digitais enfatizar o retorno positivo dessas ações, as rendeiras ainda enfrentam dificuldades para garantir o capital de giro nas associações e, posteriormente, a comercialização das peças. Os dados apontam também para a existência de expectativas frustradas na relação com estilistas do campo da moda. Foi percebido que as ações não estão sendo suficientes para a independência financeira das rendeiras, o que torna a renda renascença uma fonte de renda complementar da família.

Palavras-chave: artesanato; associações profissionais; moda; políticas públicas; renda renascença

ABSTRACT

OLIVEIRA, Ana Suélen Silva. **Incentive policies for the renaissance lace in the Cariri microregion of Paraíba, Brazil:** the perspective of associated lace-makers. UFCG, 2022. 75p. (Course Completion Work. Federal University of Campina Grande / Campus of Sustainable Development of the Semiarid Region).

This research was developed in the context of renaissance lace production in Paraíba. Considering the interventions that began in the 2000s implemented by the state government, state entities and fashion designers. Given this, I aimed to analyze the perspective of lace makers linked to associations focused on renaissance lace about the actions to encourage the activity, taking as a cut five municipalities of the Western Cariri of Paraíba that stand out in this production (Monteiro, São João do Tigre, Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro and Zabelê). The work was based on the studies of Albuquerque (2002), referring to the renaissance as an element of symbolic value; Moraes (2018), indicating how the craft activity has become a value-added product; Silva (2019), analyzing the sociocultural dynamics of renaissance and Rodrigues (2019), evidencing the expropriation of labor. The theoretical contribution chosen to privilege the perspective of the *rendeiras* is anchored in the sociology of everyday life on the bias of Martins (2014). The methodological path adopted followed the paths of the same author, along with Whyte (2005) through participant observation in the Reference Center of Renaissance Lace - CRENÇA, in addition to conducting 11 semi-structured interviews, four with association leaders and six with associated lace-makers. In the reports, it was found that, despite the dissemination in digital media emphasizing the positive return of these actions, the lace makers still face difficulties to ensure working capital in the associations and, subsequently, the marketing of the pieces. The data also point to the existence of frustrated expectations in the relationship with fashion designers. It was perceived that the actions are not being sufficient for the financial independence of the lace-makers, which makes the renaissance lace a complementary source of income for the family.

Keywords: handicrafts; professional associations; fashion; public policies; renaissance lace.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 -	Agentes estatais na inauguração do Centro de Referência da Renda Renascença – CRENÇA.....	28
Fotografia 2 -	Foto do desfile Coleção #Somostodosparaíba exposta na inauguração do CRENÇA.....	29
Fotografia 3 -	Centro de Referência da Renda Renascença – CRENÇA.....	30
Fotografia 4 -	Cantor brasileiro Alok usando a Marca Martha Medeiros.....	46
Fotografia 5 -	Vestido de renda renascença tradicional.....	54
Fotografia 6 -	Vestido da Coleção do estilista Ronaldo Fraga.....	54
Fotografia 7 -	Foto de uma das Caravanas #expediçãocaririronaldofraga.....	61
Fotografia 8 -	Foto da visita da atriz Maitê Proença ao CRENÇA.....	62
Fotografia 9 -	Foto da Visita do Conselho Internacional do Artesanato ao CRENÇA.....	63
Fotografia 10 -	Prefeita Anna Lorena presenteia a primeira dama Michelle Bolsonaro com uma peça de renascença.....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Panorama geral dos Municípios.....	13
Tabela 2 - Número de rendeiras associadas nas associações de renda renascença do Cariri Paraibano.....	33
Tabela 3 - Relação da idade em que as rendeiras aprenderam a tecer renda renascença.....	42
Tabela 4 - Renda per capita dos municípios. Paraíba, 2022.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ADARTI** – Associação de Desenvolvimento dos Artesãos de São Sebastião do Umbuzeiro
- APAZ** – Associação das Produtoras de Arte de Zabelê
- APL** – Arranjo Produtivo Local
- ARCA** – Associação de Resistência das Rendeiras de Cacimbinha
- ASCAMP** – Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú
- ASSOARTI** – Associação das Rendeiras de São João do Tigre
- CONARENDA** – Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades vinculadas a Renda Renascença do Cariri Paraibano
- COOPETIGRE** – Cooperativa de Produção de Artesanato de São João do Tigre
- CRENÇA** – Centro de Referência da Renda Renascença
- ECOPARAÍBA** – Centro Público Estadual de Economia Solidária
- FENEART** – Feira Nacional de Negócios do Artesanato
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDHM** – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
- IDEME** – Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual
- IG** – Indicação Geográfica
- MDA** – Ministério do Desenvolvimento Agrário
- MEI** – Microempreendedor Individual
- ONG** – Organização Não Governamental
- PAP** – Programa de Artesanato Paraibano
- PB** – Paraíba
- PE** – Pernambuco
- PIB** – Produto Interno Bruto
- PROCASE** – Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Cariri
- SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- RENASCI** – Associação dos Artesãos de Monteiro
- UFPB** – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	26
3.1	LÓCUS DA PESQUISA.....	27
3.2	A REDE DE RELAÇÕES EM TORNO DA RENDA.....	28
3.2.1	Crença.....	28
3.2.2	As Associações.....	30
3.3	COLETA DE DADOS.....	34
3.3.1	Consulta à mídia e redes sociais.....	34
3.3.2	Observações a partir da crença.....	34
3.3.3	A realização das entrevistas.....	38
3.3.3.1	<i>A entrevista com ronaldo fraga.....</i>	<i>39</i>
3.3.3.2	<i>A entrevista com o representante da coopetigre.....</i>	<i>40</i>
3.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	40
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	42
4.1	AS POLÍTICAS DE INCENTIVO À RENDA RENASCENÇA.....	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS.....	71
	APÊNDICE.....	74

1 INTRODUÇÃO

A renda renascença é uma técnica artesanal que ultrapassa gerações. Trata-se de um bordado delicado e minucioso feito à mão por rendeiras nordestinas. É um trabalho árduo que, dependendo da peça, pode exigir semanas e até meses para a sua finalização. Nela utiliza-se a linha, a agulha e o lacê. Este sustenta toda a estrutura do bordado, representando “para as rendeiras do Cariri Paraibano um significado muito forte porque serve para identificar a renda local” (SEBRAE, 2014, p. 27). Dentre os pontos mais conhecidos de renascença estão: o ponto pipoca, o abacaxi, o richelieu, a malha, o amor seguro, a aranha e a traça¹. Geralmente as peças concentram-se na cor branca, porém, podem ter outras cores. Uma das formas é a partir do tingimento de elementos extraídos da natureza, por exemplo, a ameixa e a castanha de caju.

Indícios apontam que sua origem se deu na Itália, na época Renascentista (daí o nome renascença), estando também na corte francesa como símbolo artesanal, na sua maioria em colarinhos do Rei Henrique II, que usava as peças para esconder a cicatriz que tinha em seu pescoço²(SEBRAE, 2014).

Quanto à inserção da renda renascença no Brasil, não há uma exatidão nas informações coletadas. De acordo com o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) (2017), a renda renascença foi trazida na época da colonização. E, de início, era bastante utilizada nas roupas de padres e em decorações nos altares das Igrejas. Isso porque a renda, ou melhor, o modo de se fazer as peças, por muito tempo foi mantido em segredo para população, sendo a produção restrita apenas nos conventos, por freiras que tinham habilidade com essa técnica.

Foi a partir da década de 1930 que mulheres pobres do Agreste pernambucano e Cariri paraibano tomaram conhecimento do ofício e assim passaram a confeccionar peças de renda renascença que, desde então, perpassa gerações. Essa disseminação ocorreu através de duas mulheres. Conhecidas popularmente como Lalá e Maria Pastora. Maria Pastora trabalhava em um convento de Olinda – PE, onde aprendeu o ofício. Foi em uma das visitas à casa dos seus pais na cidade de Poção, que fez com que Lalá aprendesse a tecer a renda, já que Maria Pastora teria levado uma encomenda para tecer³.

¹ Almanaque Pontos e Histórias, Renda Renascença e Mulheres Rendeiras, IICA, 2017.

² Indicações Geográficas Brasileiras. SEBRAE; INPI, 2014.

³ NOGUEIRA, Clara. Rendas que tecem Pernambuco. Disponível em: <http://mulheresquetecempe.com.br/arte/renda-renascenca/>. Acesso em: 17 mar. 22.

Dessa forma, na Paraíba a Renascença chega apenas em meados de 50, pelas mãos de mulheres que residiam nos municípios de Camalaú, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê, que na época eram todos distritos do município de Monteiro (NÓBREGA 2005, apud SILVA, 2018, p. 40).

Hoje em dia, a renda renascença brasileira é conhecida tanto no âmbito nacional quanto internacional, tendo diversas peças exportadas para outros países. Prevalendo a produção em estados da região Nordeste, podemos evidenciar a disseminação da renda renascença, em cidades do agreste de Pernambuco, como Poção, Jataúba e Pesqueira. No caso da Paraíba, os municípios em que se concentra a produção de renascença são Monteiro, São João do Tigre, Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro, Zabelê, Serra Branca, Sumé, Congo e Prata. Nesta pesquisa, o foco foram os municípios do Cariri ocidental paraibano que participam do Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades Vinculadas a renda renascença do Cariri paraibano (CONARENDA).

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (2015), o Cariri Ocidental abriga uma população de aproximadamente 121.531 mil habitantes, dos quais 76.056 se encontram na zona urbana e 45.475 na zona rural. Nessa microrregião os municípios que se destacam com maior potencial produtivo da renda renascença e que serão evidenciados no trabalho são os seguintes municípios: Monteiro, São João do Tigre, Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê.

É cabível salientar que, embora os municípios do Cariri paraibano ocidental sejam de pequeno porte (população com menos de 50 mil habitantes), o município de Monteiro é consideravelmente maior que os demais em termos de extensão e população. A descrição dos municípios foi apresentada na ordem decrescente, considerando a expansão territorial.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴ o município de Monteiro tem uma área territorial de 992,620 km², a população é estimada em 33.433 habitantes, o PIB per capita chega a R\$ 17,381,24, com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) correspondente a 0,628. É nessa cidade que foi inaugurada, recentemente, o Centro de Referência da Renda Renascença (CRENÇA), resultado de uma parceria do governo do Estado da Paraíba com a Prefeitura Municipal e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). No município também se encontra a Associação dos Artesãos de Monteiro (RENASCI).

O município de São João do Tigre ocupa uma área territorial de 812,617 km², com uma população estimada entre 4.396 habitantes, PIB per capita de R\$ 8.001,03 e o IDHM de

⁴ Informações extraídas no site do IBGE. No qual os dados se referem entre os anos de 2017 - 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 21 de mar. 22.

0,552. Nesse município existem as seguintes associações: Associação dos Artesãos de São João do Tigre (ASSOARTI) e Associação de Resistência das Rendeiras de Cacimbinha (ARCA). Esta associação fica localizada no distrito de Cacimbinha. Além delas, há também a Cooperativa de Produção de Artesanato de São João do Tigre (Coopetigre) e ações vinculadas a Economia Solidária (Ecosol).

Outro município é Camalaú, com área territorial de 541,841 km², população de 6.048 habitantes, PIB per capita R\$ 9.979,19, IDHM é de 0,567. A cidade possui a Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú (ASCAMP).

O município de São Sebastião do Umbuzeiro tem uma área territorial de 464,327 km², a população é estimada entre 3.512 habitantes, o PIB per capita corresponde a R\$ 8.877,94, e o IDHM é de 0,581. Nessa cidade está presente a Associação de Desenvolvimento dos Artesãos de São Sebastião do Umbuzeiro (ADARTI).

Já o município de Zabelê possui uma área territorial de 106,811 km², a população é estimada entre 2.269 habitantes, PIB per capita R\$ 10.496,11, o IDHM é 0,623. A associação presente na cidade é a Associação das Produtoras de Arte de Zabelê (APAZ). Na tabela a seguir, serão acrescentadas informações no que concerne a posição ocupada no ranking de IDHM dos municípios do estado da Paraíba e nacionalmente.

Tabela 1 - Panorama geral dos Municípios

Município	Monteiro	São João do Tigre	Camalaú	São Sebastião do Umbuzeiro	Zabelê
Área territorial	992,620 km ²	812,617 km ²	541,841 km ²	464,327 km ²	106,811 km ²
População	33.638	4.408	6.048	3.534	2.269
PIB	17,381,24	8.001,03	9.979,19	9.416,94	10.496,11
IDHM	0,628	0,552	0,567	0,581	0,623
IDHM ranking UF	19°	190°	157°	116°	27°
IDHM ranking BR	3519°	5169°	4903°	4614°	3631°

Fonte: IBGE (2017-2020).

As associações citadas nesses municípios são algumas das iniciativas que contribuem para a visibilidade da renda renascença no Cariri Ocidental paraibano, a partir das intervenções iniciadas na década 2000 do Governo do Estado, Sebrae e demais agentes não governamentais. O que possibilitou que estilistas do campo da moda pudessem vir ao Cariri para fazer parcerias com as rendeiras.

No que se refere, destaca-se recentemente o desfile da coleção #Somostodosparaíba inspirada no tema “Zuzu Vive”, do estilista Ronaldo Fraga. A coleção foi selecionada para o São Paulo Fashion Week, que, devido à pandemia da Covid-19 ocorreu virtualmente entre os dias 04 a 08 de novembro de 2020. Em uma entrevista ao Jornal da Paraíba (CAIRO, 2020, s/p) o estilista Ronaldo Fraga afirmou que o artesanato e a moda vão muito além de uma fonte econômica: “o artesanato, ele é uma escrita pessoal de cada um. Pode ser uma escrita de amor, uma escrita de poesia e até uma escrita de protesto”.

Os canais de comunicação e de agentes estatais da Paraíba, enfatizam a visibilidade da renascença no mundo da moda e apontam que essas iniciativas têm sido positivas, proporcionando a emancipação de mulheres caririzeiras que, a partir da renascença podem ter uma fonte de sustento. Na fala da gestora do Programa Artesanato Paraibano (PAP) Marielza Rodriguez, em uma entrevista sobre o desfile da coleção de Ronaldo Fraga, “Desde que assumiu, o governador João Azevêdo, que tinha na mãe uma exímia artesã, não tem medido esforços na valorização do artesanato como um todo. Mas a renda renascença precisava dessa dose de estímulo, cujos resultados têm sido para lá de satisfatórios⁵”.

Entretanto, cabe questionar qual tem sido de fato o impacto socioeconômico dessas ações na vida de mulheres rendeiras. As entidades trouxeram quais benefícios para as rendeiras em suas iniciativas? Houve uma procura maior pelas peças? O preço de venda dos estilistas se converteu em maiores rendimentos para as rendeiras? Em relação às políticas públicas, o que foi feito em cada cidade? A fonte de renda dessas mulheres é garantida apenas pela produção de renda renascença?

Para responder tais questões, buscamos analisar a perspectiva das rendeiras vinculadas as associações presentes dos municípios evidenciados. Identificando as ações de fomento presentes em cada localidade, a relação das rendeiras com os estilistas e se as ações de

⁵ Paraíba Já. Rendeiras do Cariri da PB aguardam com expectativa ‘São Paulo Fashion Week. Disponível em: <https://paraibaja.com.br/rendeiras-do-cariri-da-pb-aguardam-com-expectativa-sao-paulo-fashion-week/> . Acesso em: 23 mar. 22.

incentivo têm sido suficientes para que a renda renascença seja a fonte de renda principal da família.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo, a partir da observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas, levantando questões sobre a comercialização das peças, nível de escolaridade das rendeiras, impacto na renda familiar por meio da atividade, o funcionamento das associações e o que tem sido feito em cada município no incentivo a renda renascença. Foram consultados estudos acadêmicos sobre o tema, sites jornalísticos e do governo do estado, almanaque sobre a renascença e acompanhamento através de perfis da rede social Instagram.

Na sessão do referencial teórico será evidenciado a revisão de literatura acerca da renda renascença com destaque para as pesquisas realizadas no estado da Paraíba. Coletados em banco de teses e dissertações foram imprecidíveis para o encaminhamento do trabalho. Tendo como base principal os estudos de Albuquerque (2002); Moraes (2018); Silva (2019); Rodrigues (2019). No percurso metodológico será listado o lócus da pesquisa. Em tela, o Centro de Referência da Renda Renascença – CRENÇA e as observações a partir dele, salientando a importância da observação participante para a aplicação das entrevistas semiestruturadas com 11 rendeiras, 1 estilista e 1 representante de uma Cooperativa. Nem todos os perfis acompanhados pelo Instagram tiveram informações relevantes para a pesquisa. Dessa forma, filtramos nos resultados publicações que consideramos importante salientar. Decidimos abordar a perspectiva das rendeiras, nos resultados e discussões, seguindo o caminho da sociologia da vida cotidiana, inspirada em Martins (2014) e Certeau (1998), reforçando as percepções e interpretações sobre as ações de incentivo da atividade artesanal e os aspectos positivos e negativos, na visão das rendeiras, daqueles que interviam na produção da renda renascença.

O trabalho se constitui como importante fonte de pesquisa para aqueles que promovem ações de incentivo e fomento da renda renascença no Cariri paraibano, pois apresenta dados importantes quanto ao impacto dessas ações na vida das rendeiras. Ainda assim, promove reflexões em torno das modificações e transformações que ocorreram ao longo dos anos, se constituindo como fonte de análise para pesquisas futuras sobre a renda renascença.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Localizado na região Nordeste, prevalece no Cariri paraibano, o clima semiárido. A economia se sustenta a partir da agricultura familiar, pequenos comércios e empreendedores, empregos temporários em prefeituras e concursos públicos (o que ocorre com menos frequência, pois o que se constitui ainda é a política do clientelismo). Sendo uma região marcada por períodos de seca, historicamente, a população urbana e principalmente rural busca novos meios de sobrevivência ou de complemento para renda familiar, dentre elas, a atividade artesanal que destaco aqui: a renda renascença.

A partir do método etnográfico, Albuquerque (2002) buscou compreender a organização da renda renascença na cidade de Camalaú e agentes envolvidos nesse processo. A autora evidencia que a chegada da renda na região ocorreu de modo fragmentado e que essa característica é relevante para o trabalho das rendeiras devido a lentidão para a feitura das peças. Desse modo, as rendeiras dividem-se entre si para tecer uma única peça, o que promove no fim desse processo, o que a autora percebe como elemento de alienação.

No universo das rendeiras, essa alienação se daria no seu cotidiano, no seu ofício de fazer a renda, na medida em que poucas trabalham por conta própria, dada a impossibilidade de acesso a recursos necessários à confecção da renda renascença; bem como ao mercado consumidor do produto final de sua arte (ALBUQUERQUE, 2002, p. 18).

Na perspectiva marxista, a modernidade “cobra do homem o tributo de sua coisificação, de seu estranhamento em relação a si próprio, no ver-se pela mediação alienadora de um outro que é ele mesmo, embora não pareça” (MARTINS, 2008, p. 18). O que faz com que o indivíduo se torne nas suas relações cotidianas mais produto do que pessoa.

É cabível salientar que embora mencione contornos de alienação do trabalho, a autora também dar ênfase a um outro elemento, que segundo ela aparece de maneira mais sutil. O que ela chama de (des) alienação a:

Quanto às rendeiras de Camalaú. é possível observar a (des) alienação no simbolismo que envolve o ato de tecer. Para além do domínio da técnica ou de uma habilidade, esse ato marca a posse do saber - fazer, a posse da arte. Atributo que confere, a essas mulheres um caráter distintivo, quando comparadas a outras mulheres que não possuem o seu dom (ALBUQUERQUE, 2002, p. 21).

A essa ideia de dom, Martins (2014) salienta que os artesãos seriam aqueles que detêm o processo criativo, ou o que Certeau (1998) reforça na noção de prática e tática “maneira de ser e maneira de fazer”. A partir das modificações dos meios de produção, esses indivíduos encontram formas de resistência para sobreviver as transformações impostas.

No que se refere às ações de incentivo e fomento para a renda renascença, uma das ações evidenciadas é a Oficina Escola Rendeiras de Camalaú, fundada pelo Coletivo Parai’wa e o SEBRAE, que na época contava com o apoio de prefeituras da região e entidades estatais. Voltado para meninas com idade entre 12 e 18 anos, a escola também auxiliava em tarefas pedagógicas e fornecia para as alunas um auxílio no valor de 20 reais mensais. Ademais, Albuquerque (2002) evidencia que a escola mantinha o resgate e tradição dos pontos mais conhecidos entre as rendeiras, mas ao mesmo tempo trabalhava com novos pontos e desenhos exclusivos da escola. Existindo então uma instrumentalização da tradição para atender as exigências do mercado:

À essa ideia de coexistência do antigo com o moderno, subjaz a ideia de se ter superado o atraso conservando sua beleza. Essa alteração nos elementos que. Tradicionalmente, estão presentes nas peças de renda renascença, é uma forma de levar ao mercado um novo produto mais afeito ao gosto do consumidor (CANCLINI 1983:67 *apud* ALBUQUERQUE, 2002, p. 36).

Apesar da escola ter contemplado apenas o público feminino, a renda renascença é uma atividade ensinada para homens e mulheres ainda na infância. Esse processo de socialização ocorre por volta dos cinco anos de idade, geralmente em períodos de estiagem na região (ALBUQUERQUE; MENEZES, 2007). Segundo as entrevistas realizadas pelas autoras, fazer renda sempre esteve ligado à falta de empregos, como uma alternativa de subsistência diante da concentração fundiária. Todavia, por mais que meninos aprendam a tecer a renda na sua infância, quando adultos abandonam o ofício, com receio de serem julgados pela comunidade, pois essa prática é considerada por muitos atividade de mulher.

As relações de gênero no Cariri Paraibano ainda são muito patriarcais, existe uma separação das atividades que homens e mulheres podem exercer no seu cotidiano. No ambiente doméstico, está presente no imaginário social atualmente que a renda renascença, deve ser exercida apenas por mulheres e, caso algum homem se proponha a essas atividades, logo causa um estranhamento e sua virilidade é contestada.

Em contrapartida, embora este não seja o foco do trabalho, foi possível perceber na revisão bibliográfica que existem alguns homens que se destacam na região do Cariri Paraibano com a renda renascença. Assim, é válido considerar que

Dizer que é praticada somente por mulheres é desprezar a parcela, pequena, porém válida, dos homens que aprendem o ofício na infância ou na adolescência, muitas vezes para ajudar a vencer a produção e dar conta das encomendas, mas que não perseveram na atividade muitas vezes em virtude de censura, preconceito e machismo da sociedade local, que assegura não ser um serviço próprio para o gênero masculino (MORAES, 2018, p. 157).

Moraes (2018) buscou compreender em seu estudo como a renda renascença, que inicialmente tinha a finalidade de subsistência de famílias caririzeiras, foi convertida a partir das intervenções de agentes estatais e estilistas, em uma renda extraordinária, “passando a ser portadora de um valor de beleza e sofisticação agora percebido na alta costura mundial” (MORAES, 2018, p. 242). Além disso, repete-se o que foi evidenciado por Albuquerque (2002) sobre a dificuldade de comercialização das peças aqui no Cariri, em que se estabelece uma ligação com cidades pernambucanas para a venda das peças.

Desde sua inserção no interior dos estados de Pernambuco e Paraíba, a renda renascença produziu fluxos de compra de matérias-primas, intercâmbios entre as artesãs para aprendizado e transmissão da técnica, além de escoamento e comercialização das mercadorias entre os dois estados (MORAES, 2018, p. 141).

A comercialização das peças sempre constituiu uma dificuldade para as rendeiras. Nesse cenário, devido às questões mencionadas acima, algumas rendeiras recorriam aos chamados atravessadores para a compra de suas peças. Os atravessadores seriam aqueles que compravam as peças de renascença por um preço abaixo do que era estipulado e venderiam por um valor maior, ganhando, portanto, com a capacidade de distribuição e com os contatos com clientes e/ou pontos de venda. Dessa forma, “acaba por ser uma espécie de elo de ligação entre a artesã e o mundo exterior, fazendo uma intermediação que é legitimada pelo seu domínio do mercado” (ALBUQUERQUE, 2002, p. 67).

Silva (2019) evidencia que, com os novos agentes no campo da renda renascença, é mais difícil perceber quem são esses atravessadores hoje em dia. Estes podem ser os próprios estilistas, como também as rendeiras que se posicionam como líderes das associações.

No que se refere às iniciativas no campo da renda renascença, conforme Moraes (2018) foi realizado um levantamento em 2007 e 2008 sobre o desenvolvimento dos arranjos produtivos locais (APLs) no estado da Paraíba. Promovida pelo Programa de Artesanato Paraibano (PAP) em parceria com SEBRAE, dentre as APLs foi identificada a presença da renda renascença do Cariri paraibano. Esse levantamento é relevante, pois impulsionou a participação das rendeiras em eventos externos, expandindo a renda renascença para outros

locais. Assim, a autora menciona grandes eventos anuais. Dentre eles o Salão de Artesanato Paraibano, que ocorre nas cidades de João Pessoa e Campina Grande, e a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE), em Recife.

Moraes (2018) faz ainda algumas considerações sobre as políticas de incentivo realizadas. Salientando que o foco principal são os produtos e o “arranjo produtivo da renascença”, procurando aproximar essa tipologia aos moldes estabelecidos pelo mercado, não considerando o contexto social das rendeiras.

A formulação das políticas de intervenção no artesanato não parece levar em consideração as particularidades desta atividade, preocupando-se, pelo contrário, em aproximá-la de processos industriais e econômicos típicos de contextos industriais mecanizados e empresas privadas (MORAES, 2018, p.190).

Ainda a respeito das políticas e ações de promoção da renda renascença, é cabível salientar algumas dessas ações, nas quais as rendeiras começam a se organizar em Associações.

A produção de renda renascença no Cariri paraibano foi afetada em maior ou menor grau por todas estas frentes abertas pelo Programa do Artesanato Paraibano. Algumas ações voltadas especificamente para esta cadeia produtiva foram realizadas. Destacam-se o 1º Encontro Regional da Renda Renascença em Sousa, realizado em 2007 em parceria com o Sebrae-PB, com a participação de 500 rendeiras da Paraíba e de Pernambuco e o Desfile Todas as Marias, Rendas Renascença pelo olhar da moda: Monteiro-PB, realizado em outubro do mesmo ano, fruto de uma parceria do Sebrae-PB, Governo da Paraíba, Projeto Cooperar, BB, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Loja Botrelli, Associações das Rendeiras e Prefeituras Municipais de Monteiro, Zabelê, Camalaú, São João do Tigre e São Sebastião do Umbuzeiro. Em janeiro de 2008 foi lançado o Catálogo “Renasença Paraíba”, mostrando peças produzidas pelas artesãs do Cariri paraibano (MORAES, 2018, p. 192).

Em 2013, a renda renascença recebeu o Selo de Identificação geográfica, o selo serviu para diferenciar a renda da Paraíba em relação a renda tecida em Pernambuco. Além disso, para receber o selo, as peças devem atender a certas exigências relacionadas, por exemplo, ao acabamento das peças. Para isso, foi necessário a criação do CONARENDA. Silva (2019) destaca

Criado para ser o administrador do IG, ao CONARENDA é delegada a grande responsabilidade de fazer a implantação do Selo no Cariri paraibano, sua conquista criou a expectativa de que a renda renascença do Cariri paraibano pudesse ser mais valorizada, já que se diferenciaria da renda produzida em Pernambuco, diminuindo a concorrência com a mesma, e conseqüentemente melhoraria a qualidade de vida das rendeiras (SILVA, 2019, p. 99).

Percebe-se um fortalecimento e notoriedade da renda renascença, mas essa consolidação se deu apenas entre as rendeiras que participam de Associações, visto que, para

que pudessem participar de eventos e capacitações, tiveram que atender as exigências impostas pelos agentes. Como por exemplo, a carteirinha de artesanato ou documentação comprobatória para ser incluída como Microempreendedor Individual (MEI).

Essas questões impossibilitam que rendeiras não associadas queiram estar vinculadas às associações, por medo ou receio de perderem benefícios como o Bolsa família e a aposentadoria.

No que tange às relações trabalhistas nas Associações, foi identificado que apenas o município de Zabelê detinha de um sindicato voltado para as rendeiras. Este seria o Sindicato dos Artesãos do Município de Zabelê, fundado no ano de 2008.

Esta constatação revela, talvez, que não há na região um movimento local das artesãs para reivindicação de direitos trabalhistas, formalização profissional e melhores condições de trabalho. Depreende-se que estas associações surgem como implicação direta dos estímulos e agentes exteriores, que não fomentaram, com a mesma eficácia, a mobilização para criação de sindicatos, que seriam espaços com mais representatividade e legitimidade de reivindicação de direitos, resistência e mobilização (MORAES, 2018, p. 196).

Assim, as rendeiras associadas, seja como MEI ou por meio da carteirinha de artesanato, não estão garantidas quanto aos direitos trabalhistas. Exercendo suas atividades em exaustivas jornadas de trabalho, sem piso salarial, fazendo com que agentes do campo da moda percebam na renda renascença uma oportunidade de lucro diante desse desamparo.

Sobre as rendeiras não associadas foi possível perceber nas entrevistas realizadas pela autora, que as mesmas são vistas com olhar de inferioridade por aquelas que participam de Associações. Além do desamparo de agentes que atuam frente a promoção da renda renascença

Sua posição marginal exacerba a fronteira entre artesanato tradicional e produto com valor agregado. A artesã excluída (seja voluntariamente, seja por critérios de aceitação dos organismos institucionais e curadoria do artesanato) é situada num patamar de inferioridade, como se a ela faltasse especialização (MORAES, 2018, p. 203;204).

Essa especialização é instruída apenas para aquelas que participam das Associações. A partir das quais aprendem novos pontos, se adequam à dinâmica do mercado e o aperfeiçoamento da técnica renda renascença.

No entanto, nota-se uma diminuição no número de rendeiras associadas. Silva (2019) destaca uma pesquisa promovida pelo projeto Cooperar em 2005 que contabilizou 568

associadas nas seguintes associações: ASSOAM⁶; ASSOART⁷; ASCAMP; ADEART⁸; APAZ. Enquanto na entrevista concedida a autora pela representante do Conarenda foi contatado 275 rendeiras.

A partir das iniciativas promovidas por Ong's, Sebrae e Governo da Paraíba, outros estilistas e grifes foram inseridos no campo da renda renascença. A exemplo da Grife Cavaleira; Fernanda Yamamoto; Martha Medeiros; Renato Imbriosi; Ronaldo Fraga. Pois segundo a fala de alguns agentes institucionais faltava um bom caimento das peças, além da inclusão de peças coloridas, na qual houve, inicialmente, uma resistência das rendeiras.

Segundo Moraes (2018) a partir das ações implementadas pelo SEBRAE, é incorporado no discurso das rendeiras a “cultura do empreendedorismo”, “inovação” e “originalidade”. Esse discurso não foi suficiente para que as rendeiras conseguissem independência no processo produtivo da renda. Aliás, os “referenciais colocados como metas pelo Sebrae são justamente aqueles tais que diferem do contexto de produção de artesanato tradicional, configurando o artesanato de referência cultural” MORAES, 2018, p. 190). As modificações da renda renascença são vistas com uma visão positiva do Sebrae, o que tornou a partir da percepção da autora a renascença como um produto de valor agregado.

Dentre as ações evidenciadas por Moraes (idem) sobre o Coletivo Parai'wa através do Projeto Rendas do Cariri⁹ estavam o alcance de metas como:

Elaboração de uma cartilha contendo a técnica da renda renascença, a publicação de um catálogo de produtos, a criação de um Museu e Centro de Estudos da Renda Renascença na cidade de Monteiro, a criação de uma cooperativa regional de rendeiras, a realização de cursos em gestão de associativismo e cooperativismo, a criação da marca Rendas do Cariri, com produtos que os idealizadores do projeto denominam “socialmente corretos” e de uma franquia da marca (MORAES, 2018, p. 216).

Sobre o projeto, Silva (2019) destaca que o mesmo não foi finalizado e que atingiu somente 30% dos objetivos pretendidos. Na fala do representante Durval Leal, em entrevista concedida a Silva (idem) ele menciona “uma coisa básica que não se tem na Paraíba e foi proposto desde o início, no projeto inicial do Rendas do Cariri, foi o museu da renda renascença. É preciso que a renda renascença seja posicionada no mercado mundial. Para tanto é preciso ter referência”.

⁶ Atualmente recebe o nome de RENASCI (2022)

⁷ ASSOARTI (2022)

⁸ ADARTI (2022)

⁹ Instituído em 1999. Além do coletivo, contou com o apoio do Governo da Paraíba e UFPB (MORAES, 2018).

Em 2014, surge na região o Projeto Mulheres, iniciativa do Cunhã Feminista¹⁰. A atuação do projeto incluiu não só a renda renascença, mas atividades produtivas da região. Especificamente sobre a renda renascença, Moraes (2018) salienta que o projeto era centrado em temas voltados ao empoderamento e protagonismo das rendeiras quanto a comercialização das peças.

Como possibilidade de novos canais de comercialização, o Cunhã Feminista promoveu nesse mesmo ano a visita da estilista paulistana Fernanda Yamamoto juntamente com o estilista paraibano Romero Silva. Foi através dessa visita que as rendeiras tiveram suas peças expostas na coleção de Fernanda Yamamoto em 2016, no São Paulo Fashion Week. A coleção recebeu o nome de “Histórias Rendadas”.

A estilista evidenciada “trouxe pontos diferenciados para a renascença, tingimento das peças e mistura com outros materiais, pontos mais abertos, diferenciados dos pontos tradicionalmente confeccionados pelas rendeiras” (MORAES, 2018, p. 222).

Além da implementação de pontos mais abertos, a coleção evidenciou elementos da natureza presentes no Cariri. Segundo matéria do site Moda Works (2016):

No lugar das clássicas flores da renda renascença, ela imprimiu toques autorais e desenvolveu, em parceria com 77 artesãs organizadas pelo coletivo feminista Cunhã, renda com padronagens geométricas, usando raízes, galhos, rachaduras, nuvens cercas e outras imagens que aparecem no rico e histórico Cariri como referência. Pensados por Fernanda, os pontos mais abertos geram leveza e fluidez a um tecido originalmente duro e com pouco movimento¹¹.

O Cunhã Feminista também promoveu a chamada “Janelas da renda” que seria uma vitrine online incluída no próprio portal do Cunhã. Com a intenção de eliminar a figura do atravessador e fazer com que as rendeiras pudessem aumentar os ganhos com a venda das peças. Financiado pela Petrobras, o Cunhã Feminista teve prazo para o encerramento das atividades. Causando a incerteza se essas ações iriam ser continuadas na região.

Sobre a organização em torno dos estilistas, Moraes (2018) pôde concluir que:

¹⁰ O Projeto contou com o apoio do Centro da Mulher 8 de Março, a Reserva Extrativista Acaú-Goiana do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e o Departamento de Ciências Biológicas e da Saúde da UEPB (MORAES, 2018).

¹¹ CAMARGO, Carina. Trecho retirado da matéria “Fernanda Yamamoto participa do MICSUL na Colômbia”. Disponível em: <https://www.modaworks.com.br/site/fernanda-yamamoto-participa-do-micsul-na-colombia/>. Acesso em: 21 mar. 22.

O objetivo das intervenções foi justificar a utilização do trabalho das rendeiras para o abastecimento do mercado da moda de luxo, pintando-as como colaboradoras, e não como mão de obra contratada. Foram providenciados todos os meios para tornar possível a “parceria”, que em verdade foi, em grande medida, “ruptura” com formas tradicionais praticadas socialmente na região (MORAES, 2018, p. 269)

Nessa relação, dos direitos trabalhistas, as rendeiras passaram a produzir sob demanda, conforme a peça encomendada pelos estilistas. Ainda assim, seria cabível refletir sobre a venda das peças, pois as rendeiras tornaram-se apenas mão de obra, considerando as dificuldades enfrentadas por elas. Nesse sentido, atenderam as exigências impostas e não tiveram como sair dessa relação mecanizada.

As rendeiras não foram motivadoras de nenhuma ação, e mesmo demandas que necessitariam do protagonismo das artesãs a fim de serem legitimadas socialmente (como o pleito de reconhecimento do selo de indicação geográfica junto ao INPI) foram conduzidas pelos agentes interventores, relegando às rendeiras uma posição secundária. Esse lugar desprivilegiado reduziu seu espaço de reivindicação, crítica e sua voz frente às necessidades e demandas da atividade no Cariri (MORAES, 2018, p. 270).

Sobre as modificações vistas como negativas das formas tradicionais e dos novos processos produtivos impostos às rendeiras, Silva (2019) discorda de Moraes (2018)

Tratando-se das mudanças no redesenho da renda, discordamos de Moraes (2018) em sua consideração dessa ação como uma interferência negativa, pelo potencial de “desvirtuar as rendeiras de seus riscos tradicionais e modificar o processo produtivo” (MORAES, 2018, p.214). Pensando com Canclini (2008), preferimos considerar conceitos como tradicionalidade e autenticidade em termos de relatividade e dinâmica, não em termos de fixidez (SILVA, 2019, p. 89).

Na pesquisa de Rodrigues (2019), a autora percorreu sobre o viés de expropriação do trabalho. Através da análise de uma comunidade rural no Cariri paraibano e da produção industrial em Poção-PE, percebeu-se que na produção da Renda Renascença existe uma carência do estado, fazendo com que o trabalho das rendeiras sejam precarizados, seja por meio da mão de obra barata ou por meio da relação sem vínculos legais.

Entre o desamparo público e a disparidade econômica das rendeiras e agentes da moda, é importante enfatizar uma passagem de Rodrigues (2019) sobre o Projeto Mulheres Rendeiras, promovida por uma estilista, antes do encerramento das atividades no Cariri

Há anualmente ou semestralmente reuniões para discutir os avanços e retrocessos no projeto, onde a equipe de Sr.^a Camila¹² está presente filmando todos os acontecimentos, D. Luísa relata que em diversos encontros as rendeiras relatam as melhorias do projeto em sua vida, afirmando que Camila representou – “Salvação”, relatos permeados por lágrimas tornam as reuniões

¹² Para preservação dos nomes envolvidos, a autora resolveu adotar em sua monografia nomes fictícios.

um verdadeiro espetáculo, tornando a figura de Sr.^a Camila indispensável e messiânica. No entanto, muitas das frases ditas são combinadas de forma prévia, algumas rendeiras são aconselhadas a chorar publicamente ao discorrer sobre as conquistas efetuadas em decorrência da inserção no projeto, em nenhum momento essas reuniões chegam a problematizar as discussões de sociabilidade e enfrentamento nos grupos e, por conseguinte, as relações de trabalho (RODRIGUES, 2019, p. 107).

Na região do Cariri, as mulheres possuem uma exaustiva jornada de trabalho, pois além dos afazeres domésticos que nem sequer são considerados trabalho, muitas atuam na roça com a agricultura familiar além da renda renascença.

Nem sempre a renascença se encontra como atividade principal, visto por muitos como apenas um complemento da renda econômica familiar. A autora salienta que “a Renda Renascença é tida como fonte secundária, ficando atrás do Bolsa Família e aposentadoria, já que o número de pessoas trabalhando com Renda Renascença depois da aposentadoria foi relativamente alto” (RODRIGUES, 2019, p. 104).

Seguindo a pesquisa da autora sobre os projetos voltados para as rendeiras, muitas afirmaram que nem sempre os projetos chegam ao final, o que dificulta a produção e a venda das peças. Por mais que as iniciativas sejam vangloriadas pelas mídias digitais e entidades, muitos projetos voltados para rendeiras param no caminho e não se consolidam.

Além disso, as peças de renda renascença que são produzidas por mulheres rendeiras no Cariri, nem sempre pessoas de sua mesma classe podem compra-las. Isso por se tratar de peças de custo elevado. Existem peças, por exemplo, que ultrapassam o valor de 30.000 mil reais¹³. Nesse cenário, “o conceito de status amplia a percepção das diferenças de classe. Classe expressa a dimensão econômica da desigualdade social e status, o seu aspecto honorífico, de maior ou menor prestígio entre os demais” (MIRA, 2017, p. 143).

Conforme Moraes (2018) esses agentes do campo da moda imprimem sua assinatura às peças feitas com renascença, ainda que a manufatura seja feita por artesãs nordestinas. É minimizada a criação da artesã, transformada em mão de obra qualificada para a cadeia de valor da moda. E cresce em importância e capital simbólico o artista.

É possível perceber que os estilistas agregaram valor às peças, fazendo com a renda renascença passasse a ser consumida por um grupo restrito da sociedade. Quanto à inserção e participação dos estilistas, houve aqueles que causaram anseios nas rendeiras, a exemplo da estilista Martha Medeiros, por não dar os créditos publicamente às rendeiras do Cariri, “o que é visto como o desserviço ao reconhecimento do trabalho das rendeiras. Ela também é

¹³ Levantamento realizado no site da estilista Martha Medeiros. Disponível em: <https://marthamedeiros.com.br/collections/festa/products/vestido-longomilarenascenca>. Acesso em: 21 mar. 22.

responsabilizada pela referência de altos preços da renda de renascença, quando comparado com o que as rendeiras conseguem obter” (SILVA, 2019, p. 109;110).

Em um artigo científico, Silva (2021) acrescenta novas falas de agentes envolvidos, enfatizando as políticas públicas em interface ao desenvolvimento regional. Destaca ainda que a inserção mercadológica da renda renascença no mercado da moda diz pouco sobre o lugar onde ela é produzida, ao mesmo tempo que remete à regionalidade como uma forma de atrair novos mercados. A autora evidencia que:

Talvez seja mais interessante compreender a complexidade do processo que inclui desde o aspecto da identidade socialmente atribuída, até a expressão do imaginário e a construção de outras dizibilidades, **considerando que, no campo da moda, a imagem é mais importante que o produto**. Essa característica desse campo, quando se trata de determinadas situações, práticas e apropriações, pode ter resultados desastrosos (SILVA, 2021, p.127, grifo nosso).

Quanto ao campo produtivo da renda renascença a autora ressalta que é necessário de questionar sobre como essas ações e projetos estão sido direcionados, a serviço de quem eles serão alcançados. Visto que muito se pensa em desenvolvimento econômico sem ao menos considerar a qualidade de vida daqueles que estão inseridos no contexto.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico adotado nesse trabalho é de caráter qualitativo. Antes da ida ao campo proposto, foi realizado um levantamento bibliográfico através do google acadêmico, banco de teses e dissertações de universidades para delimitar a literatura e estudos sobre a renda renascença. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: renda renascença + Paraíba + sociologia; Desenvolvimento econômico + renda renascença + nordeste; Políticas públicas + renda renascença + sociologia; Renda renascença + cariri paraibano. A limitação entre trabalhos na área de Sociologia foi essencial, pois de início foram encontrados trabalhos na área de design e moda. Também foi necessário limitar as buscas para o Cariri Paraibano e Renascença, visto que nos estados do Nordeste a renda recebe outros nomes.

Procuramos delimitar os trabalhos entre aqueles que caracterizassem a importância da renda renascença no Cariri, a limitação dos incentivos que focam na venda e exportação, as estratégias e condições de sobrevivência entre as rendeiras da região. Assim, é cabível ressaltar os trabalhos centrais para a realização da pesquisa. A dissertação “Desmanchando Novelos e Tecendo Sonhos: a vida das rendeiras de Camalaú”, da autora Albuquerque (2002) apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Também encontrados o artigo “O Valor Simbólico da Renda Renascença”¹⁴ publicado com sua orientadora Menezes (2006).

A partir do artigo “Entre a Proteção Social e a Emancipação: estratégias de sobrevivência de artesãs rendeiras no Cariri paraibano”¹⁵, da autora Moraes (2017) encontramos sua tese no Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulada “Renascença Extraordinária: dinâmica social e produtiva em transformação no Cariri paraibano”, apresentada em 2018.

A monografia “Aguilhas de sangue: renda renascença e expropriação do trabalho: análise da comunidade rural no cariri paraibano e da produção industrial na cidade de Poção – PE”, da autora Rodrigues (2019) apresentada na graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A dissertação “A Renda Renascença na Paraíba: enredos de cultura, moda e desenvolvimento” apresentada por Silva (2019) pelo Programa de Pós-graduação em

¹⁴ Trabalho publicado na Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 15(2): 240, maio-agosto/2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200013>. Acesso em: 17 mar. de 22.

¹⁵ Trabalho publicado nos Anais do XV Encontro Nacional da ABET. Rio de Janeiro, ISSN: 2318-9517, setembro/2017. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Entre_a_protecao_social_e_a_emancipacao.pdf Acesso em: 17 mar. de 22.

Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Também encontramos um artigo que recebe o mesmo nome¹⁶, na qual Silva; Sobrinho (2021) acrescenta considerações sobre a dissertação.

No que se refere ao campo da pesquisa, se consolidou através da pesquisa participante. Nesse sentido, Severino (2007) destaca que é

Aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos (SEVERINO, 2007, p. 120).

Diante do tema proposto, considerei importante adotar a observação participante, pois queria de início me aproximar das rendeiras. Como o CRENÇA foi inaugurado recentemente, queria entender como estava sendo o funcionamento e de quais associações as rendeiras que ali estavam faziam parte. A partir da interação com as rendeiras, pude acrescentar outras perguntas ao roteiro que havia preparado para a realização das entrevistas semiestruturadas.

3.1 LÓCUS DA PESQUISA

A observação desta pesquisa ocorreu no Centro de Referência da Renda Renascença (CRENÇA) na cidade de Monteiro – PB. Considerando os limites da pandemia pela Covid-19, a pesquisa foi afetada significativamente quanto ao planejamento inicial. Devido às restrições impostas sobre o funcionamento dos estabelecimentos e demais locais públicos, as Associações evidenciadas no trabalho encontravam-se fechadas, o que me impediu que conhecesse presencialmente esses espaços. Com isso, vi na inauguração e funcionamento do CRENÇA a oportunidade de aproximação com as rendeiras, visto que, conforme consultas nos sites do Governo da Paraíba, o espaço reúne as Associações evidenciadas nesse trabalho.

Mesmo assim, a coleta dos dados foi afetada. Encontrei ao longo da pesquisa uma limitação para realizar um número maior de entrevistas. Considerando que muitas rendeiras moram em outras cidades e com os casos da Covid-19 aumentando a cada dia, decidi que algumas entrevistas seriam realizadas remotamente. Todavia, algumas rendeiras não tinham muita familiaridade com a plataforma Google Meet e WhatsApp, o que fez com que algumas decidissem não participar das entrevistas.

¹⁶ Trabalho publicado na Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional. Blumenau, ISSN 2317-5443, julho/2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7867/2317-5443.2021v9n2p107-132>. Acesso em: 17 mar. 22.

3.2 A REDE DE RELAÇÕES EM TORNO DA RENDA

Devido às restrições quanto à pandemia, os municípios acessados remotamente foram: São João do Tigre, Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê, em que as entrevistas com rendeiras líderes e associadas foram realizadas por plataformas virtuais. Isso impossibilitou também entrevistas com rendeiras não associadas, considerando o tempo escasso para realização da pesquisa.

3.2.1 Crença

O Centro de Referência da Renda Renascença (CRENÇA) fica localizado no Centro da cidade de Monteiro – PB. Foi inaugurado em 25 de novembro de 2021. Em uma ocasião que reuniu a população local, além de entidades e agentes públicos do estado da Paraíba.

Fotografia 1 - Agentes estatais na inauguração do Centro de Referência da Renda Renascença - CRENÇA



Fonte: André Lúcio¹⁷ (2021).

¹⁷ Matéria “João Azevêdo inaugura Centro de Referência da Renda Renascença e destina R\$ 760 mil a rendeiras pelo Empreender-PB. Governo da Paraíba, 2021. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao->

Na inauguração, também aconteceu a exposição de diversas peças de renda renasçença, através do desfile #SomosTodosParaíba. A coleção apresentada no dia da inauguração foi mesma do desfile no São Paulo Fashion Week, evento que ocorreu remotamente no final de 2020. Foi assinada pelo estilista Ronaldo Fraga que se inspirou em obras no artístico plástico paraibano Flávio Tavares.

Fotografia 2 - Foto do desfile Coleção #Somostodosparaíba exposta na inauguração do CRENÇA



Fonte: André Lúcio (2021).

Dentre as entrevistas divulgadas na mídia na ocasião da inauguração do CRENÇA, o atual governador da Paraíba João Azevedo destacou que

O espaço é o coroamento de um projeto que foi pensado, detalhado e construído por muitas mãos, desde a sua concepção. Realizamos um grande desfile em João Pessoa, fruto da capacidade, da inteligência do grande Ronaldo Fraga. Posteriormente, conseguimos levar a renda renascença para fazer a abertura do São Paulo Fashion Week, levando a renda renascença para o mundo. Agora chega o momento de coroar esse projeto, que representa toda uma região, num belíssimo prédio e num local extremamente digno¹⁸.

Parceria do Governo da Paraíba, Sebrae e Prefeitura de Monteiro, o prédio chama atenção pela sua arquitetura e pela bela vitrine exposta com peças da Coleção apresentada.

Fotografia 3 - Centro de Referência da Renda Renascença - CRENÇA



Fonte: André Lúcio (2021).

3.2.2 As Associações

Fazem parte do Conselho de Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades vinculadas a renda renascença do Cariri Paraibano (CONARENDA), seis Associações dos municípios apresentados nesse trabalho. São elas: Associação dos Artesãos de Monteiro (RENASCI); Associação dos Artesãos de São João do Tigre (ASSOARTI); Associação de

¹⁸ “João Azevêdo inaugura Centro de Referência da Renda Renascença e destina R\$ 760 mil a rendeiras pelo Empreender-PB”, nov. 2021. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-inaugura-centro-de-referencia-da-renda-e-destina-r-760-mil-a-rendeiras-pelo-empreender-pb> . Acesso em: 24 fev. 22.

Resistência das Rendeiras de Cacimbinha (ARCA); Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú (ASCAMP); Associação dos Artesãos de São Sebastião do Umbuzeiro (ADARTI); Associação das Produtoras de Arte de Zabelê (APAZ);

É cabível salientar que, na apresentação das associações estarão presentes alguns dados colhidos nas entrevistas, visto que considerei importante usar algumas informações colhidas junto às rendeiras para caracterizar as entidades.

A Associação dos Artesãos de Monteiro (RENASCI) tem como líder Marlene Leopoldino, reunindo 30 rendeiras. No ano de 2008, a Associação ganhou o 1º Prêmio Objeto Brasileiro, promovido pelo Museu - A Casa. Essa ação é promovida a cada 2 anos e a entidade tem por objetivo valorizar o artesanato com a junção do designer¹⁹. A representante destacou na entrevista que no início recebia o nome de ASSOAM, mas, quando saiu da associação para ir morar em outro local, houve problemas de gestão, o que fez com que esta fosse extinta. Na sua volta a Monteiro, por volta de 2010, Marlene reuniu novamente as rendeiras, hoje vinculadas à RENASCI.

A Associação dos Artesãos de São João do Tigre (ASSOARTI), tem como representante a rendeira Suelene. Na entrevista ressaltou que a associação já contou com um número de 200 rendeiras. Todavia, atualmente possui cerca de 50 rendeiras associadas.

A Associação de Resistência das Rendeiras de Cacimbinha (ARCA) faz parte do distrito de Cacimbinha, também localizado no município de São João do Tigre – PB. No levantamento bibliográfico, a associação não foi identificada como maior potencial produtivo da renda renasença. Todavia, considerei válido incluí-la no trabalho, visto que a associação fez parte de iniciativas de entidades e estilistas, estando atualmente inclusa nas atividades do CRENÇA. Sobre a ARCA, a rendeira relata:

Quando surgiu a Associação, eu estava na roda de conversa e acabou que eu estou até hoje, desde que ela foi criada. É tanto que até 2016, eu acho, teve um projeto... A gente não teve sede até aí, aí teve o projeto do Procace, né? Então eu estava na época trabalhando com o Cunhã Feminista. Foi um trabalho extremamente importante pra o grupo de rendeiras e de outras mulheres produtoras aqui na região e eu fui técnica com elas por uns 2 anos. E nessa época teve o projeto do Procace, que tava... Atendia as comunidades rurais e fomos contempladas com a assistência e a gente conseguiu a sede das rendeiras (Socorro, líder da Associação de Resistência das Rendeiras de Cacimbinha, em entrevista concedida à autora).

Quando perguntei sobre as atividades com Cunhã Feminista, a mesma destacou:

¹⁹ “Associação dos Artesãos de Monteiro premiada no 1º Prêmio Objeto Brasileiro”, set. 2008. Disponível em: <http://www.viladoartesaos.com.br/blog/associacao-dos-artesaos-de-monteiro-entre-os-premiados-do-1%C2%BA-premio-objeto-brasileiro/>. Acesso em: 24 fev. 22.

Assim, o Cunhã ficou um período na época no projeto Dom Helder e aí encerra-se os trabalhos acho que no final de 2016. Quando terminou o projeto da Petrobras e aí elas não conseguiram renovar os projetos e acabaram tendo que se afastar do Cariri. Elas davam todo um apoio, um apoio da organização, na reflexão das temáticas que são peculiares da gente, elas tinham uma dinâmica muito leve de trabalhar com as mulheres e deixavam a gente muito tranquila. As vezes nè? O estado, município tem uma dinâmica de não... Não valorizar essas coisas mínimas que às vezes as mulheres querem falar, das emoções, os sentimentos e a Cunhã observava isso, sabe? deixava a gente muito à vontade (Socorro, líder da Associação de Resistência das Rendeiras de Cacimbinha, em entrevista concedida à autora).

Atualmente a Associação conta com cerca de 15 rendeiras ativas. Com a pandemia, assim como as outras associações, as rendeiras tecem sua renda em casa. Socorro também destaca que ela e as rendeiras associadas, sempre se reuniam em datas comemorativas e, por ter um número reduzido de rendeiras, a Associação nunca teve um grande número de encomendas.

Sobre a Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú (ASCAMP) tentei contato com a representante, mas não obtive retorno. Nesse sentido, as informações coletadas sobre o número de associadas foram disponibilizadas pela rendeira Marli, que também já foi líder da Associação, mas hoje atua como secretária.

Marli destacou na entrevista que a articulação sobre o surgimento da Associação tinha o propósito de gerar fonte de renda para as mulheres da região. Inicialmente essas mulheres reunidas vendiam tortas, doces, mas que depois passou a ser somente as peças de renda renascença. De acordo com a rendeira, a associação conta atualmente com cerca de 50 rendeiras associadas. Marli também foi uma das professoras da Escola de Rendeiras de Camalaú.

Nos anos 2000 a gente teve uma Oficina Escola. A oficina não foi um projeto nosso, mas foi através de uma ONG via Sebrae, a gente passou um bom tempo com alunas, aquelas alunas foram bem assistidas, era um resgate sabe, pra não morrer, elas aprendiam ou aprimoravam o que já sabiam, aquelas alunas precisavam ser filhas de rendeiras, no projeto tava estipulado que precisavam estar na escola. Teve também reforço escolar, eu fui uma das mestras, tinha que ser alguém que dominava bem. Elas ganhavam 20 reais, na época valia mais, né? Do que hoje (sorri). (Marli, secretária da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú, em entrevista concedida à autora).

A Associação dos Artesãos de São Sebastião do Umbuzeiro (ADARTI) é representada por Regina Gomes. A mesma é líder desde o ano de 2015. Antes disso ela trabalhava juntamente com rendeiras do município de São João do Tigre, com a demanda de peças para a estilista Martha Medeiros. Segundo ela, durante esse período, a Associação encontrava-se parada. Foi então que decidiu buscar recursos para regulamentar a Associação, bem como

reforma-la e conseguir reunir no espaço rendeiras de sua cidade. No início contava com um número de 33 rendeiras, hoje ultrapassa mais de 40. Regina afirma que existem rendeiras com quase 90 anos ativas na Associação. Sobre a rotina na Associação, a mesma relata na entrevista:

Era assim, antes da pandemia. A gente, cada uma pegava a sua almofada, ela (Associação) fica um pouco distante assim da cidade, na entrada da cidade, você vindo de Monteiro a Umbuzeiro. Então a gente pegava, juntava umas rendeiras e ia trabalhar lá, na casa. Se encontrava, tinha um café, tinha as conversas né, as risadas. Aí mulher, quando veio a pandemia aí pronto, a gente ficou sem se encontrar né, pessoalmente (...). Mas aí agora a gente tem um grupo de rendeiras, a gente não deixa de ter o contato uma com as outras (Regina, líder da Associação de São Sebastião do Umbuzeiro, em entrevista concedida à autora).

A Associação das Produtoras de Arte de Zabelê (APAZ) é presidida por Maria Aparecida. Na associação estão associadas 25 rendeiras. Na entrevista, destacou que, desde que a associação foi inaugurada, já exerceu 4 mandatos, “aí já foi outras, já foi novas presidentes e depois eu passei, já voltei, eu já tô quase em 4 mandatos, assim, saí e depois volta, entendesse? Eu só sei exatamente assim, olhando pelas atas da associação”.

Dentre as Associações, só foi possível conhecer presencialmente a Associação dos Artesãos de Monteiro (RENASCI), devido às limitações em tempos de pandemia e também pelos encontros das rendeiras estarem acontecendo de forma remota através de reuniões via Google Meet ou até mesmo por informes em grupos de WhatsApp.

Tabela 2 - Número de rendeiras associadas nas associações de renda renascença do Cariri Paraibano

Associações	Número de rendeiras Associadas
RENASCI (Monteiro)	30
ADARTI (São Sebastião do Umbuzeiro)	40
APAZ (Zabelê)	25
ASCAMP (Camalaú)	50
ARCA (São João do Tigre)	15
ASSOARTI (São João do Tigre)	50

Fonte: Elaboração própria (2022).

3.3 COLETA DE DADOS

No início da pesquisa consultamos sites jornalísticos, agentes estatais e do governo do Estado. Buscando analisar as ações que teriam sido realizadas recentemente e na coleta de informações que melhor pudessem adequar aos objetivos da pesquisa. Além do acompanhamento de páginas na rede social Instagram, do Centro de Referência da Renda Renasença (CRENÇA), estilistas e demais agentes que estão envolvidos no campo referenciado.

3.3.1 Consulta à mídia e redes sociais

As páginas voltadas para as iniciativas do Estado foram as seguintes: a página oficial do governo estadual (@govparaiba); o Programa Artesanato Paraibano (@artesanatopap); o Musel do Artesanato Paraibano (@museudoartesanatoparaibano); o Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (@procasepb); a Cooperativa Paraibana de Empreendimentos Econômicos e Solidários (@ecosol.pb); o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (@sebraepb).

Os estilistas foram: a página da loja de Fernanda Yamamoto (@fernandayamamoto_loja) e a página pessoal da estilista Martha Medeiros (@marthamedeirosreal) e do estilista Ronaldo Fraga (@fragaronaldo). A partir do acompanhamento desse último estilista foi percebido outra página voltada para o turismo. Por meio de caravanas que recebem o nome #expediçãocaririronaldofraga, visitam pontos turísticos na região do Cariri paraibano. Nesse sentido, também foi feito o acompanhamento da página (@que_visu). Além da página do CRENÇA (@rendasdocariri) que nos levou a outra ação promovida pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que teve as ações evidenciadas nas páginas (@probexcomex) e (@liderijr).

3.3.2 Observações a partir da crença

Minhas observações no CRENÇA foram realizadas entre os meses de dezembro de 2021 e março de 2022. As visitas variaram entre semanais e quinzenas, isso ocorreu pois, durante esse período, houve o recesso de final de ano e Ano novo, o 33º Salão do Artesanato

Paraibano na cidade de João Pessoa, em que as rendeiras não se encontravam no CRENÇA, o aumento dos casos de Covid – 19 na cidade de Monteiro²⁰ e o feriado de carnaval.

As anotações no diário de campo, nem sempre eram realizadas ainda no local. Nas primeiras observações, percebi um certo desconforto das rendeiras quando levava o meu caderno. As conversas entre elas eram vagas, havendo muitas vezes um silêncio absoluto. Diante disso, costumava registrar nas notas do meu celular, aspectos que considerava relevante para serem acrescidos nas entrevistas. A vista disso, ao chegar em casa, repassava as anotações para o meu caderno, dessa vez, com informações mais detalhadas.

Minha primeira ida ao CRENÇA ocorreu no dia 14 de dezembro de 2021. Naquela manhã de terça-feira encontrei apenas uma rendeira no local. Apresentei-me e a mesma, muito simpática, disse-me que ficasse à vontade para conhecer o espaço.

Como esperado, me impressionei com a delicadeza e detalhes de cada peça, desde vestidos, blusas, aplicações, até as máscaras, produto que ganhou ênfase em decorrência da pandemia pela Covid-19. Naquele primeiro momento, enquanto conversávamos, consegui iniciar algumas indagações de minha pesquisa na sua fala. Sobre o processo de socialização da renda renascença entre meninas, que acontece ainda na infância, colocações sobre rendeiras que não participam das Associações e outras questões que serão retomadas mais à frente.

Além disso, a rendeira também destacou o projeto de extensão promovido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), chamado Exporenda Cariri. O projeto que tem como base a exportação da renda renascença para outros estados e países, iniciou suas atividades em setembro de 2020, entregando no mês de dezembro de 2021 o site oficial chamado “Mãos do Cariri²¹”.

A rendeira me contou que esperava que o CRENÇA atraísse turismo para a cidade, visto que as pessoas da região ainda tinham um certo receio sobre as peças, mencionando sempre que tinham um valor elevado. Fez questão de me mostrar algumas peças que estavam expostas e que ela havia feito, a exemplo de um colar que, segundo ela, representa a união das pessoas. Em sua fala: *às vezes as pessoas dizem isso é só um colar, mas não é só pelo dinheiro é pelo significado que ele representa.*

Outro ponto que me chamou atenção foi em relação ao tingimento das peças, além da demora para extrair da natureza também tem todo o processo lento e árduo para que as peças

²⁰ Entre o final de janeiro e início de fevereiro de 2022 houve um aumento considerável de gripe e casos da Covid-19 em Monteiro. Nesse sentido, por as rendeiras já terem uma certa idade, o CRENÇA estava funcionando apenas com a recepcionista do local.

²¹ Site oficial: <https://maosdocariri.com.br/>

ganhem a cor desejada. Antes de ir embora, perguntei se podíamos continuar nossa conversa, ela concordou e me passou seu número de WhatsApp e passamos a manter contato desde então.

Na mesma semana, ela me disse, através da plataforma, que o estilista Ronaldo Fraga e algumas pessoas viriam a Monteiro para conhecer o CRENÇA. Entusiasmada, contei a novidade a minha orientadora, que viu a oportunidade de conseguir uma entrevista com o mesmo. Todavia, quando perguntei a rendeira se seria possível ficar ali no espaço para tentar a chance de falar com Ronaldo, ela me disse que devido às restrições em decorrência da COVID-19 e sabendo que viria em torno de umas 15 pessoas, não seria possível.

Mesmo assim, continuei acompanhando o estilista através das redes sociais, na intenção que surgisse alguma oportunidade de falar com ele em outro local de Monteiro. Infelizmente não foi possível. Decidi então mandar mensagem pelo Instagram. Outra tentativa falha. No dia, até cheguei a ir próximo ao CRENÇA, na esperança de encontrá-lo nas imediações, infelizmente não consegui. Aproveitando o momento fui no CRENÇA e encontrei a representante do CONARENDA. Apresentei-me, ela parecia ocupada, então peguei o seu contato e voltei para casa, confesso que frustrada por não ter conseguido falar com Ronaldo Fraga. Porém, sabendo da importância do estilista no campo da renda renascença, prometi a mim mesma que até o final deste trabalho iria encontrar alguma maneira de conseguir a entrevista.

Conforme minhas observações quanto ao funcionamento do CRENÇA, estão presentes todos os dias ao menos 1 rendeira que faz parte de alguma das 6 Associações. A escolha da rendeira é feita por escala, priorizando a disponibilidade de cada uma. Devido ao recesso de final de ano e início de ano novo, o prédio encontrou-se desde as festividades de natal até a primeira semana de janeiro de 2022.

Após isso retomei novamente minhas idas ao campo. Antes de ir, mandei mensagem para a rendeira com quem conversava através do WhatsApp, para saber se ela se encontrava no CRENÇA. É cabível ressaltar que, no período de recesso, estava acompanhando tudo que envolve a renda renascença através de perfis no Instagram, e vi que iria acontecer o 33º Salão de Artesanato Paraibano, na cidade de João Pessoa. Logo, já queria saber como seria a atuação da renda renascença nesse evento. Como disse, mandei mensagem para ela, mas não obtive resposta, então decidi ir ao CRENÇA mesmo assim, pois, além dessas minhas dúvidas sobre o Salão, também queria marcar algumas entrevistas. Devido ao tempo curto do semestre, a minha intenção seria realizar as entrevistas durante as minhas férias, no mês de janeiro de 2022.

Chegando lá não encontrei nenhuma rendeira, apenas uma moça que faz parte da administração do CRENÇA. Essa informação foi nova, pensei que apenas as rendeiras cuidavam do espaço. Ela me disse que algumas rendeiras estavam com uma gripe forte e para preservar a saúde de todos estavam em casa repousando. Outras se encontravam no Salão de Artesanato e que provavelmente passariam a semana lá (como era o caso da rendeira para quem havia mandado mensagem). Então me aconselhou que voltasse na próxima semana, em que possivelmente haveria alguma rendeira no local.

Logo percebi que iria ter um atraso nas entrevistas. Então tentei contato com a representante do CONARENDA e felizmente consegui marcar a entrevista com ela para o dia 25 de janeiro.

A representante me recebeu em sua casa e me forneceu informações relevantes a minha pesquisa. Inclusive, após finalizar a entrevista, em nossas conversas informais, soube que Ronaldo Fraga iria vir no dia seguinte a Monteiro. Coincidência eu não sei, mas enxerguei ali a oportunidade que estava precisando para conseguir a entrevista com o mesmo.

Naquela mesma tarde ainda fui ao CRENÇA, encontrei uma rendeira fazendo alguns acabamentos em aplicações de renda com a companhia de sua neta. A menina que deve ter uns 10 anos organizava as aplicações de anjinhos, enquanto sua vó fazia os últimos ajustes em peças que você não consegue diferenciar o que é frente e verso, por ter um acabamento tão perfeito. Refleti que tecer renda parece tão fácil aos olhos de quem olha de longe. Triste ilusão! Perguntei-a se queria ajuda para etiquetar algumas peças, ela afirmou que sim. Aproveitei e toquei no assunto sobre a vinda de Ronaldo, me confirmando logo em seguida. Não sabia com exatidão o número de pessoas que iriam vir dessa vez, mas enfatizou as restrições devido a Covid-19.

Depois de um certo tempo acabou chegando outra rendeira, que teria vindo buscar algumas peças para finalização, que iria expor no dia seguinte. Perguntei se ela ficava algum dia da semana lá no CRENÇA, ela disse *“não, minha filha, tenho cabeça pra isso mais não”*. Enquanto conversávamos, uma fala dela me chamou atenção, ela me relatou que durante esse tempo que tece renda renascença nunca usou uma peça. Quando perguntei o motivo, ela disse *“sei lá, assim, eu ia fazendo uma peça pra mim, depois encontrava alguém pra vender e assim ia”*.

Fiquei ali no CRENÇA até o momento de fechar, depois as rendeiras foram buscar as peças na Associação, que também fica ali próximo. Aproveitei e fui junto, foi nesse dia que conheci pela primeira vez a Associação de Monteiro. Um espaço pequeno e com algumas limitações comparado ao CRENÇA.

A medida que fazia as observações refleti sobre algo importante na descrição dos métodos de pesquisa de Whyte (2005) no qual o autor saluta que é necessário saber o momento adequado sobre o que perguntar e o que não perguntar na observação participante. As interações envolvem também a relação de confiança que o pesquisador estabelece com o pesquisado.

Sentando e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria a ideia de fazer se colhesse minhas informações apenas por entrevistas. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. Simplesmente aprendi a julgar quão delicada era uma questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a só fazer uma pergunta delicada quando estivesse seguro de minha relação com ela (WHYTE, 2005, p. 304).

Diante disso procurei estabelecer uma relação de confiança com as rendeiras que estavam frequentemente no CRENÇA, procurando respeitar suas individualidades e interações. Conforme Martins (2014) salienta:

O artesanato intelectual na Sociologia, para se inviabilizar, pede mais respeito do que o habitual pelas pessoas com as quais conversamos para obter os dados necessários a nossas análises e interpretações, que muitas vezes são pessoas iletradas e sábias da própria sabedoria do vivencial. Sobretudo porque pede mais tempo, mais demora que implica uma certa recíproca invasão da vida do pesquisador por aqueles com os quais dialoga e até mesmo sua ressocialização (MARTINS, 2014, p. 29).

Esse aspecto de estabelecer confiança entre as rendeiras foi de suma importância, pois, na medida em que fui sendo aceita por elas não precisei perguntar diretamente sobre essas questões mais delicadas. Elas mesmas falavam por si só. Além disso, esse contato foi importante para que pudesse conseguir me aproximar das rendeiras que residiam em outras cidades.

3.3.3 A realização das entrevistas

A partir da observação participante, além das conversas informais, também realizei entrevistas semiestruturadas, com líderes e rendeiras vinculadas as Associações dos municípios de Monteiro, São João do Tigre, Camalaú, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê. Ao todo, 11 rendeiras se dispuseram para a realização das entrevistas. Todas as líderes foram entrevistadas, exceto a líder da Associação de Camalaú, pois entrei em contato com a mesma e não obtive retorno. Nesse caso, a rendeira Marli me forneceu as informações necessárias quanto ao bloco no roteiro da entrevista destinado a perguntas sobre o funcionamento da associação. Marli, que hoje se encontra como secretária, por muito tempo esteve à frente das atividades relacionadas a ASCAMP.

Além disso, realizei entrevistas com o estilista Ronaldo Fraga e o Representante da Cooperativa do município de São João do Tigre, que reúne atividades em torno da economia solidária entre os associados do município. Fazem parte agricultores e artesãos.

Algumas dessas 13 entrevistas foram realizadas no CRENÇA, outras pelas Plataformas Google Meet e WhatsApp. Em média, as entrevistas com as rendeiras duraram 60 minutos. A entrevista com o estilista Ronaldo Fraga considerando o contexto de realização durou 12 minutos, enquanto com o representante da Coopetigre durou em torno de 20 minutos, já que, devido à oscilação da internet, houve a interrupção de sua fala em muitos momentos.

3.3.3.1 A entrevista com ronaldo fraga

Na manhã do dia 26 de janeiro, não sabendo do horário de sua chegada, apenas que seria pela manhã, decidi esperar Ronaldo Fraga ao lado do CRENÇA, precisamente sentada no banco da praça principal de Monteiro, a conhecida Praça João Pessoa. Enquanto aguardava algumas horas, observava a correria de sempre entre as pessoas. Cada fato cotidiano naquele momento e a singularidade me ajudou a passar o tempo. Afinal sou fascinada por observar e gravar cada detalhe.

Finalmente Ronaldo Fraga chegou, juntamente com algumas pessoas logo entraram no CRENÇA. Decidi esperar na porta, mas, como estava demorando, entrei. Encontrei na recepção uma rendeira, ela logo me chamou para ficar ali enquanto iria recepcionar os convidados no 1º andar do prédio.

Momentos depois, Ronaldo Fraga desceu para a recepção, e daí tive a minha chance. Ele estava um pouco ocupado, mas me disse que poderia fazer as perguntas que iria respondendo.

Este dia, considero como um dos mais importantes em relação a minha aceitação no campo proposto. Isso porque percebia que, apesar de ser bem recebida, ainda sentia que nos momentos em que estava presente as rendeiras não se comunicavam umas com as outras de maneira espontânea. Mesmo assim, seguindo os conselhos de Whyte (2005) sobre a observação participante, procurava ser útil as rendeiras, ajudando-as sempre que era preciso. Neste dia não foi diferente, percebendo a necessidade de que outra pessoa estivesse anotando as peças vendidas, perguntei a rendeira se poderia ajudar. Ela afirmou que sim. Enquanto estava ali, observava as interações entre as pessoas que vieram com o estilista Ronaldo Fraga, o que rendeu muitas observações no meu diário de campo. No que se refere, “as ocorrências

repentinas e surpreendentes, são carregadas de informações sociológicas que não se manifestam nas situações recorrentes, de plácida repetição de modos de ser e de pensar” (MARTINS, 2014, p. 36).

Quando a Caravana foi embora, por volta do meio dia, as rendeiras me chamaram para lanche junto com elas, ali mesmo, no 1º andar do CRENÇA, já que o lanche disponibilizado para a caravana estaria praticamente intacto, visto que a maioria dos integrantes não comiam açúcar. Disse sim, e naqueles momentos em que todas as rendeiras conversavam, pensava comigo mesma: “preciso me apresentar para as rendeiras”, pois havia algumas com as quais estaria tendo o meu primeiro contato naquele momento. Mas nem foi preciso, à medida que aconteciam as interações elas mesmas me apresentavam para as outras. Diziam: “Olha, fulana, essa aqui é Ana, ela tá fazendo o trabalho da faculdade dela sobre a renda renascença”. Nesse dia, também consegui alguns contatos de rendeiras de outras cidades com quem realizaria as entrevistas depois.

3.3.3.2 A entrevista com o representante da coopetigre

A Cooperativa Coopetigre localizada no município de São João do Tigre, foi a única cooperativa identificada entre os municípios. Reúne artesãos e produtores da agricultura familiar. Considerei importante entrevistar o representante seguindo a impressão de uma rendeira que mencionou na entrevista sobre a Cooperativa e a relação desta com a prefeitura do município. No entanto, na entrevista com o representante não obtive os dados esperados. Será evidenciado nos resultados, informações que considere relevantes a pesquisa.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

As informações coletadas na observação participante foram acrescidas com o roteiro de entrevista semiestruturado. Após a realização das entrevistas, transcrevi na íntegra e em seguida fiz a leitura de todas as informações coletadas. Diante disso, inicialmente sistematizei o número de rendeiras de cada associação, a idade atual e a idade em que aprenderam a tecer renda renascença, bem como a renda familiar. Procurei destacar também informações relevantes trabalhadas no referencial teórico.

A base de análise, inspirada na sociologia da vida cotidiana, se baseou em Martins (2014) e Certeau (2008), procurando evidenciar percepções em comum entre as rendeiras e abordando aspectos positivos e negativos das intervenções. Com isso, fiz o agrupamento de

termos mais frequentes em suas falas, que serão explanados nos resultados. Seguindo a teoria de Certeau (1998)

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto (CERTEAU, 1998, p.35).

O acompanhamento nos perfis do Instagram realizou-se entre os meses de dezembro de 2021 a março de 2022. Durante esse período foi percebido que alguns dos perfis evidenciados no trabalho, não tiveram publicações relevantes para a pesquisa. Diante disso, serão explanados no tópico a seguir publicações que considere importante salientar acerca das entrevistas realizadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas um total de 11 rendeiras. Estas, fazem parte das 6 associações evidenciadas no trabalho. A partir da coleta de dados percebeu-se questões já levantadas por outros autores, mas também foram explicitados nos relatos das rendeiras aspectos relevantes quanto ao impacto dos estilistas no campo da renda renascença e as ações que estão sendo realizadas por universidades, Sebrae e governo do Estado.

As rendeiras entrevistadas possuem idade entre 44 a 65 anos. Com exceção da rendeira K, introduzida nas técnicas apenas aos 14 anos, as demais rendeiras aprenderam a tecer renda renascença ainda na infância. Nos relatos, havia uma naturalização da ideia de que esse seja o momento para tal aprendizagem. Conforme tabela a seguir:

Tabela 3 - Relação da idade em que as rendeiras aprenderam a tecer renda renascença

Rendeira	Idade atual	Idade que aprendeu a tecer renascença
Rendeira A	44 anos	8 anos
Rendeira B	46 anos	7 anos
Rendeira C	48 anos	8 anos
Rendeira D	51 anos	7 anos
Rendeira E	51 anos	12 anos
Rendeira F	55 anos	7 anos
Rendeira G	61 anos	8 anos
Rendeira H	62 anos	10 anos
Rendeira I	64 anos	8 anos
Rendeira J	65 anos	10 anos
Rendeira K	66 anos	14 anos

Fonte: Elaboração Própria (2022).

Dentre as entrevistadas, 1 rendeira é vinculada como MEI, 1 rendeira faz parte da RENASCI, 2 rendeiras da ASSOARTI, 2 rendeiras da ARCA, 2 rendeiras da ASCAMP, 2 rendeiras da ADART, 1 rendeira da APAZ.

Segundo as entrevistas o processo de aprender a tecer a renda nem sempre foi algo prazeroso. Na maior parte foi por necessidade de conseguir comprar algo ou ajudar nas despesas da família. Conforme relato:

Aprendi com 8 anos e é... questão de... a maioria das pessoas principalmente aqui da região é essa idade que já começa a trabalhar com a renda. Minha mãe fazia pra ajudar nas coisas de casa, e naturalmente a gente precisaria ajudar na renda, então, começa tendo o interesse ou sendo incentivada a trabalhar... que pra mim assim, na época não era uma coisa prazerosa, agradável. A gente fazia porque não tinha outra opção e... precisaria fazer pra comprar as coisas pra gente, roupa... tinha essa necessidade. (Rendeira C, vinculada como MEI. Entrevista concedida à autora).

Nesse sentido, outra rendeira destaca:

Eu até me arrependo, as pessoas aprendem com 8, 10 anos e eu aprendi bem mais pra frente. Tem aquela história, quando a gente veio pra rua, a gente veio pra estudar. Minha mãe era doente, eu cuidava muito da casa, 10 irmãos. Até que eu fui pela questão financeira. Eu me apaixonei pela renda, mas tinha também a questão financeira. Eu mocinha nova, minha mãe não podia me dar nada, nem um chinelo, eu tinha que me virar (Rendeira K, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Ainda assim, houve aquelas que aprenderam apenas por curiosidade, sem necessariamente percorrer o âmbito financeiro:

Comecei a fazer renascença quando eu era pequena ainda quando eu tinha uns 8 anos. Minha mãe é rendeira, ela já está com 87 anos, ainda hoje faz renda, entendeu? Era assim, ela fazia renda e eu menina muito enxerida, né? (risos) Quando ela soltava lá a renascença dela eu corria escondido e começava a fazer. Quando ela chegava eu já tinha feito lá alguma coisa, aí ela viu assim que eu tinha jeito pra fazer e tudo, foi quando ela preparou uma pra mim também [almofada] pra não mexer mais com a dela. Minha família todinha assim faz renda, né? Tem umas tias minhas, todo mundo faz (Rendeira I, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Apesar da maioria ter relatado que aprendeu a tecer renda com a mãe, algumas rendeiras evidenciaram que esse processo ocorreu através de vizinhas ou amigas. Não houve um método estruturado para ensinar, todas aprenderam olhando outras fazerem.

Em vista disso Albuquerque (2002) remete ao século XIV, em como se configura o aprendizado. Na observação de quem aprende, o aprendiz “parte do seu aprendizado às suas capacidades individuais de adivinhar, induzir, deduzir e concatenar por iniciativa própria” (ALBUQUERQUE, 2002, p. 32).

Aprender a tecer renda renascença significou para muitas uma alternativa de poder comprar com o seu próprio dinheiro coisas que até então não tinham a possibilidade. Nesse sentido, destaco a fala de uma rendeira que reside na zona rural e que, apesar das tarefas da roça, também teve que se desdobrar na dupla jornada de trabalho:

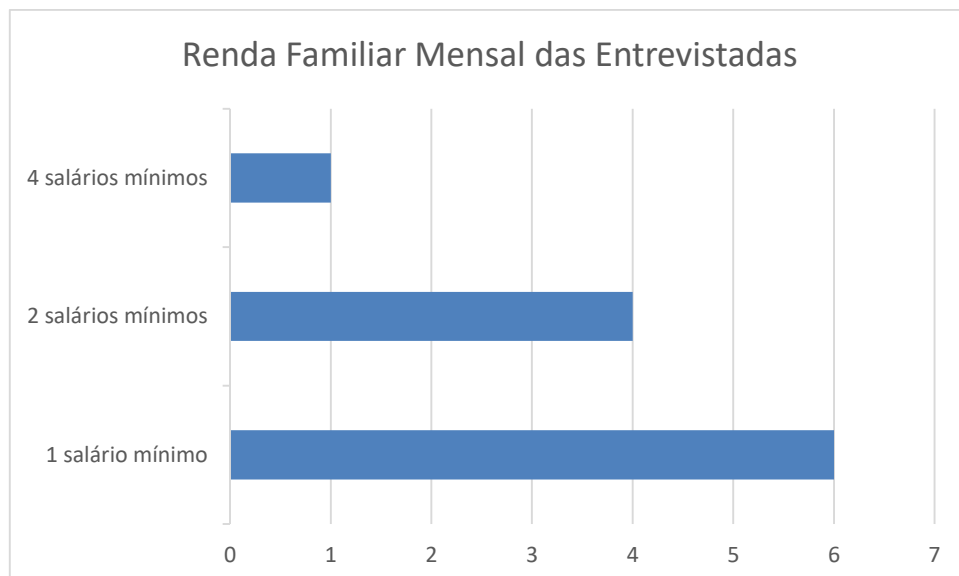
Quando eu comecei a fazer, eu só sabia alguns pontos: ponto amarrado, richelieu, a malha mesmo quase que eu não aprendo. Quando eu fiz foi um momento de felicidade. Aí eu fiz meu primeiro paninho de renda, pra ter o dinheiro pra comprar minhas coisas, e daí por diante foram meus momentos de felicidade. Agricultora, trabalhava na roça, de manhã ia pra roça quando chegava meio dia ajeitava alguma coisa em casa e já ia pra renda. E ajudou muito pra comprar o alimento (...) Nas loja, comprava uma sandalhinha pra gente, o que queria fazia a renda e juntava o dinheiro pra comprar. **Aqui onde eu moro mulher não pegava em dinheiro não, era só pra varrer casa (grifo nosso).** (Rendeira H, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Apesar de terem sido entrevistadas rendeiras que ainda residem na zona rural, a maioria atualmente reside na zona urbana. O êxodo ocorreu para que pudessem estudar e conseguir oportunidades de emprego. Foi constatado, ainda, que a maior parte das rendeiras são professoras aposentadas.

Quanto à renda familiar, prevalece nas famílias a renda renascença como fonte secundária. Das entrevistadas, apenas 2 rendeiras dependem exclusivamente da renascença, 1 rendeira exerce a profissão de professora, enquanto as demais são aposentadas, seja pela agricultura ou pela profissão docente.

Verificou-se que as rendeiras que possuem magistério ou nível superior exerceram a docência. O Gráfico a seguir não corresponde apenas à fonte de renda da rendeira em particular e sim a família como um todo.

Gráfico 1 - Renda Familiar Mensal das Entrevistadas. Paraíba, 2022



Fonte: Elaboração Própria (2022).

Segundo dados do Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual – IDEME/PB (2013) a renda per capita dos municípios em que as rendeiras residem perfazem

Tabela 4 - Renda per capita dos municípios. Paraíba, 2022

Municípios	Renda per capita
Monteiro	392,05
São João do Tigre	207,42
Camalaú	242,92
São Sebastião do Umbuzeiro	263,04
Zabelê	272,94

Fonte: IDEME (2013).

Durante as entrevistas as rendeiras evidenciaram que hoje em dia não existe mais a tradição de avó, filha e neta tecerem a renda renascença. Devido à desvalorização da atividade e por não ter um retorno financeiro satisfatório.

Nós trabalhávamos para ajudar a mãe a criar os filhos mais novos. Eu casei, comprei minhas coisas de casa pra casar eu comprei tudo com renda renascença. Quando me casei, já passei pra minhas filhas e das filhas já passei pras netas. Só que hoje as meninas não querem, diz que o ganho é pouco. Acha melhor estudar para fazer outra coisa e ganhar mais, elas acham que a renda é sem futuro, elas sabem saber mas não querem. Eu desejo que elas façam, porque é uma coisa que eu tô passando pra elas, né? (Rendeira G, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Em outro relato:

hoje não... não tem tantas rendeiras, por causa da desvalorização né? dessa turma jovem. Não querem mais aprender, estão em coisas que traz mais rendimento, vamos dizer assim. Antes era muito bonito, aqui tinha, tipo assim, avó, mãe, filha, neta e praticamente acabou (Rendeira D, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Atualmente, apesar da visibilidade da renda renascença, os relatos sugerem que não houve impacto econômico significativo para quem produz, pois as peças de renda renascença ainda não são vendidas a um preço justo. Quando perguntei a uma rendeira sobre isso, ela relatou:

Rendeira: Você acompanha Martha Medeiros?

Autora: Sim, acompanho.

Rendeira: Pronto, Martha Medeiros ela vende e as vezes compra daqui sabe? Um vestido que a gente vende, fecha com o cliente e passa 2, 3 mês fazendo, aí a gente vende por 4 mil, 3 mil, Martha vende por 15, 25. A clientela dela é aquelas atriz da globo, Ivete Sangalo, por aí né? Eu mesma, na idade que eu tô, não acredito que é vendido a um preço justo não, mas a gente vai levando sabe?

As peças de Martha Medeiros são consumidas por um grupo seletivo da sociedade. Conforme a rendeira menciona, se destacam nesse cenário atrizes e cantores nacionais como também internacionais.

Fotografia 4 - Cantor brasileiro Alok usando a Marca Martha Medeiros



Fonte: Perfil Instagram do cantor brasileiro @alok²²
(2022).

Em sua inserção no Cariri paraibano, Martha Medeiros esteve à frente de projetos sociais, em parceria com grandes empresas e gifes, a exemplo da marca francesa champagne Perrier-Jouët, resultando na construção de poços artesianos. Em entrevista para a Revista

²² Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYNORn_F0j0/?utm_medium=copy_link . Acesso em 26 mar. 22.

IstoÉDinheiro²³ quanto a sua participação com rendeiras do Cariri paraibano, a estilista destaca “Não é só comprar e vender. Fico perto delas, ensino, faço com que tenham orgulho do que produzem e tento melhorar suas condições de vida.” Em consulta ao site da marca Martha Medeiros, não foi possível encontrar especificamente as cidades de atuação, apenas a menção “sertão nordestino²⁴”.

Silva (2019) menciona que Martha Medeiros foi das primeiras estilistas que adentrou na região do Cariri, sendo suas peças consumidas pela elite e celebridades. A autora ainda destaca que a estilista ainda mantém vínculo com rendeiras da região, sem que necessariamente estejam associadas.

Moraes (2018) evidencia que a renda renascença está relacionada ao marketing da mercadoria. No qual o trabalho da artesã é minimizado e a ênfase é dada ao capital simbólico do artista. Nesse sentido, “a ideia de gosto legítimo ou erudito dialoga diretamente com as classes economicamente dominantes, as quais, devido às estruturas sociais vigentes, possuem maior domínio do capital cultural (artístico) legitimado (TERRA; CIPINIUK, 2019, p. 05).

Em outra entrevista, é percebido traços dos estudos de Silva (2021) na qual uma funcionária do Sebrae destaca que o assistencialismo deixou ou artesãos “mal acostumados”, e que chegaria um momento em que as artesãs teriam que “caminhar com as próprias pernas”. Essa fala se refere a falta de recursos em relação ao artesanato, que muitas vezes dependem de investimentos das instituições como o próprio Sebrae, bancos e governo do estado.

Conforme relato sobre o preço justo das peças, a rendeira mencionou o Sebrae:

O Sebrae ofereceu cursos, de empreendedorismo, vários cursos e entre esses cursos repassavam para gente essa lição que cada pessoa que convive na associação tinha que aprender a pescar e andar com suas próprias pernas, para vender seu peixe. Eu levei isso muito em consideração sabe que a gente que aprender a andar só. **Porque se a gente pega aquele vício de tá sempre se encorando no outro, a gente nunca vai crescer (grifo nosso)** (Rendeira J, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

A fala da rendeira expressa o que foi mencionado pela funcionária do Sebrae. Como se todas as dificuldades de comercialização fossem responsabilidade das próprias rendeiras, em um cenário no qual o governo do estado faz o mínimo. Para isso é necessário atentar ao fato

²³ RUBIN, Rachel. Revista IstoÉDinheiro, Matéria “A marca brasileira que ganhou o mundo, publicada em 26 jun 18. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/marca-brasileira-que-ganhou-o-mundo/> . Acesso em: 20 mar. 22.

²⁴ Consulta ao site Martha Medeiros. Projeto “Olhar do Sertão”. Disponível em: <https://marthamedeiros.com.br/pages/olhar-do-sertao> . Acesso em: 22 mar. 22.

de que “a atuação apoiadora do Estado não é classificada como assistencialista, mas como política pública necessária ao crescimento econômico” (SILVA, 2021, p.124).

É cabível salutar que essa problemática está relacionada ao ideal da racionalidade liberal, percorrendo sobre a perspectiva de empreendedorismo, Dardot e Laval (2016) salientam

pode-se dizer que o primeiro mandamento da ética do empreendedor é “ajuda-te a ti mesmo” e que, nesse sentido, ela é a ética do selfhelp [autoajuda]. Pode-se alegar, com toda a razão, que essa ética não é nova, que faz parte do espírito do capitalismo original (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 326).

Quando perguntei sobre a possibilidade de obter lucro das peças de renda renascença, uma rendeira menciona

Eu acho em alguns casos sim, em outros não. Depende muito de quem compra, de quem está vendendo. No meu caso em nunca consegui ter um lucro satisfatório pela questão de ser caro os produtos, se encarecer muito fica muito difícil a venda. Ter um lucro satisfatório né? Eu vejo na convivência das pessoas que fazem renda, que depende do caminho que fez, da clientela que conseguiu né? **acho que já deu pra você perceber que renda renascença é mais pra aquelas pessoas que tem um poder aquisitivo bom**, aí em alguns casos não temos um lucro satisfatório. É um capital de giro que dá pra ir se sustentando, mas pra gerar lucro não. Pelo menos no meu caso não (**grifo nosso**) (Rendeira E, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

A maneira como as rendeiras enxergam quem pode ou não usar as peças é algo para se indagar. Em conversas informais algumas rendeiras relataram que a matéria prima é cara, diante disso não costumam usar uma peça “toda” de renda renascença.

Conversando com algumas rendeiras percebi que falar da renda renascença remete a um valor simbólico, algo que faz parte da sua história, mas existe uma coisa curiosa, elas não costumam usar as peças de renascença a não ser que seja um aplique. Penso que seja pelo alto valor do novelo (Anotações do diário de campo, dia 28 de janeiro de 2022).

Quando perguntei se as rendeiras costumavam usar as peças de renascença todas as entrevistadas responderam que sim, geralmente são aplicações em blusas com outro tipo de tecido. Embora a prevalência dessa afirmação, as rendeiras costumam usar essas peças em eventos ou feiras. Já que nas minhas observações no CRENÇA, raramente alguma fazia uso.

Ainda percorrendo a linha de pensamento sobre o poder aquisitivo, é interessante destacar a fala de outra rendeira

Assim, é um grupo seletivo né, das pessoas que gostam de renda renascença. Se Martha Medeiros usa tulle, as pessoas vão comprar porque é da marca de Martha. Se Martha Medeiros estiver fazendo a maior propaganda de renda, ele vai usar renda, não é uma questão de que vai valorizar a renda, que isso e aquilo não, né. Quem usa renda renascença Martha Medeiros usa porque é a marca Martha Medeiros (Rendeira A, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Nesta fala, cabe ressaltar as práticas culturais estabelecidas por aqueles que detêm o capital cultural, cujo consumo é visto como elemento de distinção, “é esta classe que define o gosto legítimo ou aquilo de afirmamos como o “bom” gosto” (MONTEIRO, 2018, p.89).

Mesmo não tendo nenhuma pergunta no roteiro de entrevista sobre Martha Medeiros houve uma predominância nos relatos das rendeiras sobre a estilista.

Olhe, eu acho que você já deve ter ouvido falar de Martha Medeiros. Nós trabalhamos muito pra Martha, depois da pandemia afastou-se e tal, **eu tive uma visão negativa dela porque ela não divulga a nossa renda. Ela é de Alagoas e lá ela chega e diz que a renda é de Maceió e não é, é da gente.** Ela vinha muito pra aqui, tinha vez que ela dava uma 2 viagens no ano ou mais. Tinha mês da gente fazer R\$ 15 mil, 12 mil, entendeu? Só que eu não aceitava muito essa teoria dela levar nossas rendas e não divulgar que era nossa, aí bateu esse lado negativo. E eu não acho que é correto mentir, né? Hoje a gente não tem uma renda financeira como era antes, uma renda pouca. Tem por exemplo, mês da gente fazer 1000, 3000, 500, 0, sabe? Que depois da pandemia tudo mudou e a gente tem que criar estratégias pra ver se vende, né? (grifo nosso) (Rendeira J, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Existe um incômodo pertinente na fala das rendeiras sobre o reconhecimento das peças. Diante da relação simbólica estabelecida com a renda renascença, as rendeiras evidenciam de que sejam dados os devidos créditos às peças tecidas no Cariri paraibano.

Ainda sobre Martha Medeiros, outra rendeira mencionou como foi trabalhar pra ela quando perguntei sobre a inserção dos estilistas no Cariri

Teve vários, Ronaldo Fraga, Fernanda, Martha. Martha mesmo teve as coisas positivas e negativas né? Assim, pra mim, **eu considerei o melhor momento na Associação. Não é dizendo que foi totalmente satisfatório, mas pelo menos a gente tinha a questão de gente produzir e vender.** Assim, como a renda renascença é um produto caro, se você não vender, se você tecer e não vender a peça, você não tem como sustentar. Porque falta o dinheiro, por o custo da matéria prima ser cara, a atividade lenta, que gera um tempo pra fazer, então, se você produzir e não vender, não se sustenta. Mas, assim, existem muitas conversas, né? Quando ela veio pra região, ela trabalhou com todas as Associações e depois com aquelas em que ela foi se encaixando, né, no decorrer do caminho... Aí, vamos dizer, no ultimo momento antes da pandemia, ela tava trabalhando com duas: Camalaú e São João do Tigre. As outras não conseguiram se encaixar com ela, mas, assim, eu mesmo considero o melhor momento. Não dizendo que ela pagou o que deveria pagar das peças, mas foi o máximo que eu pude trabalhar com ela eu

trabalhei (grifo nosso). (Rendeira E, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Segundo outra rendeira

[Pra] Martha Medeiros trabalhei muito, eu peguei uma encomenda com ela uma vez quase que eu endoideço. Foi assim: a gente não tinha trabalho, a gente aceitou, trabalhou muito e depois a gente percebeu que não tava dando resultado (lucro). Ainda tem gente que trabalha pra ela, entendeu? Nós não. Eu mesma não deu certo. Depois, depois que ela pegava as peças, de cada associação ela fazia as contas separadas, não era o grupão. Tinha as cinco associações e dessa ia fazer as conta com ela e fazia separada, entendeu? Aí depois descobrimo e deixamos. Ela é muito exigente, mas também tá certa, né? Ela gasta muito. Mas, assim, ajudou a gente, a gente não tinha trabalho (Rendeira B, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Os relatos evidenciam as condições que as rendeiras tiveram que se submeter para que conseguissem vender suas peças, sujeitando-se muitas vezes a excessivas jornadas de trabalho e humilhações. Na fala de outra rendeira

De início, ela chegou e, como a gente tava carente, dizia: “nossa agora as coisa vai melhorar”. Eu ainda fiz 2 ou 3 peças, mas quando eu vi que só o que ela queria era dinheiro... Tudo fazia conta, muito mal-educada, gostava de humilhar e tudo, eu fui e pulei fora. Aí eu nem digo que trabalhei, foi pouco tempo demais (Rendeira B, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

A humilhação seria pela alta demanda e exigência de Martha Medeiros para que as peças de renascença estivessem com um acabamento seguindo os padrões exigidos pela estilista. Os desenhos das peças eram exclusivos, havendo uma rigorosidade para que em nenhum momento fossem compartilhados. Apesar da exigência, as peças não eram creditadas às rendeiras do Cariri, sendo esse um dos motivos para que desgastasse a relação das rendeiras com Martha Medeiros.

A partir das iniciativas do Sebrae, em parceria com o governo do estado, outros estilistas também fizeram parte de ações voltadas para a renda renascença. Todavia, será evidenciado a seguir apenas o estilista Ronaldo Fraga, pois foi o nome mais presente nos relatos das rendeiras. Além disso, o estilista promoveu recentemente parceiras no Cariri.

As iniciativas do Sebrae estão voltadas em torno de oficinas e capacitações para melhorar e aperfeiçoar as peças de renda renascença. Estimulando também o espírito empreendedor entre as rendeiras. Dardot e Laval (2016) ressaltam que é necessário refletir sobre o “discurso sedutor” de empreendedorismo para que não sejamos guiados pela lógica neoliberal de que somos os responsáveis pelo nosso sucesso

Desse modo, injunge-se o sujeito a conformar-se intimamente, por um trabalho interior constante, à seguinte imagem: ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado. Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 325).

Sobre as oficinas ministradas pelo estilista Ronaldo Fraga, na entrevista concedida, ele relatou que o seu primeiro contato aqui no Cariri foi no início do ano 2000. A convite do Sebrae e do Governo do Estado, veio a região realizar um projeto com as rendeiras. *E* “quando a renda renasceu e toda a sua história entrou na minha vida. Eu falo que ela entrou pra não sair nunca mais. É... pela mágica do ofício e principalmente pela mágica de quem o domina”, disse-me.

Quando perguntei sobre as diferenças entre a renda italiana e a renda brasileira, o mesmo relatou que ambas possuem identidades diferentes, destacando a chegada da renda renasceu ao Brasil. Segundo ele:

A renda brasileira ela veio para cá através de uma italiana, a família italiana mandou quando ela tinha 16 anos para um convento, de Olinda, e ali ela viveu até a morte em 94, ensinando fazer renda. E ela foi enviada pra cá porque, foi uma forma que a família encontrou de afastá-la de um rapaz que ela tava apaixonada, e que era filho de um inimigo político do pai. Quando você sabe essa história, você passa a prestar atenção na renda, e ver que o ponto dois amarrados por exemplo não são à toa. Existe toda uma melancolia, na renda renasceu brasileira e por trás dela uma história de amor. Ela viveu ali, e a última dama de companhia dela era uma paraibana (...) depois que ela morreu, a paraibana ficou uns anos em Pesqueira e lá ela ensinou para as primas, 15 primas. Depois ela veio pra cá, pra essa região e ensinou a renda até a morte (Trecho da entrevista concedida à autora pelo estilista Ronaldo Fraga).

Silva (2021) evidenciou em seu trabalho que as iniciativas acerca da renda renasceu percorreram “de maneira descontínua até o ano de 2016, quando a maior parte dos investimentos estatais e paraestatais externos ao campo já não existe, e as conexões com o mundo da moda deram uma pausa” (SILVA, 2021, p. 118;119).

Na entrevista, Ronaldo Fraga mencionou que foi convidado a voltar ao Cariri no final de 2019. Dessa vez o retorno rendeu um desfile que foi apresentado no 31º Salão de Artesanato da Paraíba, em João Pessoa no dia 29 de janeiro de 2020. Ganhando posteriormente as passarelas do São Paulo Fashion Week no mesmo ano. Outro ponto que gostaria de salientar na fala de Ronaldo é sobre a junção da figura de Zuzu Angel e a renda renasceu do Cariri em suas coleções. Ele destaca

Zuzu Angel foi a primeira estilista brasileira a falar da importância, da legitimidade da moda brasileira através não só das suas criações, dos seus temas, mas também do uso de produtos brasileiros. Ela sempre defendeu o uso da renda, das rendas nordestinas, e quando ela falou isso lá no final nos anos 60, início dos anos 70, ela foi apedrejada pela imprensa porque falaram que ela queria fazer uma roupa artesanal, regional, como se isso fosse um pecado (Trecho da entrevista concedida à autora pelo estilista Ronaldo Fraga).

A coleção apresentada no São Paulo Fashion Week de 2020 recebeu o nome de #Zuzu Vive, o evento que ocorreu de forma remota. Sobre o que se esperava do desfile, a gestora do PAP, Marielza Rodriguez ressaltou em uma entrevista: “isso significa que o esforço de nossas rendeiras não foi em vão, que o empenho do Governo do Estado na valorização da renda renascença não tem sido em vão, que janelas vêm sendo abertas. As expectativas são as melhores. É mais um sonho que se realiza”²⁵.

No entanto, percebeu-se nos relatos das entrevistadas que as expectativas quanto ao impacto desse desfile não foram alcançadas. Isso porque atualmente ainda existem vestidos da Coleção que não foram vendidos, gerando uma certa apreensão das rendeiras que necessitam vender as peças para que possam comprar a matéria prima. Nesse relato, fica evidente esse aspecto

(...) a gente tinha um pouquinho de matéria prima e aí, com essa matéria prima, a gente fez a coleção de Ronaldo. Esses vestidos ainda estão na loja, mas gastou todo o material que a gente tinha. A gente gastou nessa coleção, mas, quando a gente conseguir vender um vestido, a gente repõe o material (Rendeira F, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Existem duas maneiras de um cliente encomendar uma peça. Uma das formas seria por pedido direto, no qual a rendeira compra o material com seus próprios recursos. Nesses casos há uma dificuldade devido ao descompasso entre a renda mensal de cada família e o alto valor da matéria prima, ou seja, o valor do novelo (que varia dependendo da cor), o lacê, o desenho e o tingimento (caso seja necessário). A outra forma é por meio das associações, pelas quais as rendeiras são pagas por novelos desmanchados. Nesse caso, se uma peça for tecida por duas ou mais rendeiras, quando a peça é vendida, 10% do valor é destinado à manutenção das associações. Esse valor foi percebido nas entrevistas como uma das dificuldades, pois se as rendeiras ainda enfrentam a dificuldade de comercialização, elas não podem garantir que as rendeiras permaneçam associadas.

²⁵ “Renda Renascença será destaque no São Paulo Fashion Week”. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/renda-renascenca-sera-destaque-no-sao-paulo-fashion-week>. Acesso em: 11 de mar. de 22.

No relato de outra rendeira sobre a Coleção

Ainda tem peça aqui, né, nos nossos armários. Ficou um tempo lá na loja de Ronaldo, até a gente mandar buscar. Eu fiz dois vestidos: um eu consegui vender a uma amiga por 3 mil e ela ficou pagando como quis. Tanto é que muita gente ficou agoniada [porque] era material colorido. Colorido é mais caro e [o vestido] foi todo colorido. Mas acabou, eu vendi o vestido muito em conta, e aí... Ainda houve a história que o Governador ia comprar as peças, mas [não comprou], né? (Rendeira K, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Outro aspecto relevante é que, por mais que seja evidenciado pelos agentes estatais que a renda renascença é uma atividade tradicional no Cariri, é perceptível na fala de uma rendeira a maneira como ela enxerga as mudanças na estética da renascença a partir na inserção dos estilistas no campo

Os estilistas criam coisas assim, bem estravagantes, mas eu tenho essa preocupação nessas oficinas de pedir assim, que a gente nunca deixe o tradicional, né? O bonito é o tradicional e que não pode se perder. Tem que inovar? Tem. O mundo evolui e a gente evolui junto com o mundo, com o cliente. Mas nunca deixar o tradicional (Rendeira K, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

O tradicional que a rendeira menciona seriam as peças de renda renascença na cor branca. É somente a partir das iniciativas de incentivo e inserção dos estilistas que foi incorporado no cotidiano das rendeiras que elas precisavam inovar para adquirir novos mercados. Além disso, antes das oficinas elas teciam as peças com os pontos de renda renascença mais conhecidos entre elas.

A partir das oficinas, as rendeiras aperfeiçoaram esses pontos quanto ao acabamento da peça, sendo incluídos pontos novos, dessa vez, mais abertos. As cores vivas nas peças também ganharam ênfase.

Fotografia 5 - Vestido de renda renascença tradicional



Fonte: Perfil do Instagram @rendasdocariri²⁶ (2022).

Fotografia 6 - Vestido da Coleção do estilista Ronaldo Fraga



Fonte: Acervo pessoal (2022).

²⁶ Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNnhNkRDGRB/?utm_medium=copy_link . Acesso em: 30 mar. 22.

Como já foi destacado em outro momento, o processo de socialização no tecer da renda ocorria entre mãe e filha ou então entre amigas, onde uma ia ajudando a outra nos pontos com que tinha dificuldade. Lembro-me que, em uma conversa informal, certa rendeira relatou que na época de sua infância todas as meninas queriam aprender a tecer renda e ela que aprendia com a mãe costumava se encontrar aos domingos para ensinar as suas amigas os pontos que teria aprendido.

Com as oficinas, as rendeiras aprenderam novos pontos de renascença, além de ser incorporado novas cores nas peças e novos desenhos por parte dos estilistas. Embora ainda exista nas falas de algumas rendeiras que estão associadas a ideia de que é preciso manter o tradicional, essa fala não é predominante.

Nos relatos das entrevistadas, a maioria considera essas mudanças como algo positivo, pois dessa forma a renda renascença da Paraíba seria diferenciada da renda renascença de Pernambuco, que segundo muitas destacaram, seria sem qualidade, sem exigência e acabamento, pois “as rendeiras fazem do jeito que querem”.

Com relação a essa percepção é necessário salientar sobre as rendeiras não associadas e a forma como as integrantes das Associações as enxergam. Já que não se submentaram as exigências no padrão de qualidade da Associação, suas peças são vistas como inferiores e sem qualidade.

Nos relatos, foi percebido que as rendeiras não associadas costumam vender suas peças em cidades de Pernambuco, em que não é exigida uma perfeição no acabamento da peça. É cabível salientar que as rendeiras do Cariri paraibano ainda possuem dependência com o estado de Pernambuco para a compra dos novelos. Considerando as fábricas existentes nas cidades polo, a exemplo de Poção, os novelos são revendidos em cidades do Cariri por um valor mais alto do que seria comprado direto na fábrica.

Dentre os motivos dessas rendeiras preferirem não fazer parte das Associações, a partir da percepção das associadas, estava presente em alguns relatos a dificuldade de trabalhar em grupo, a escolha de tecer a renda no tempo delas, sem pressão da Associação e questões relacionadas à carteirinha de artesão.

Apesar da maioria das entrevistadas serem aposentadas, nos relatos destacaram que muitas rendeiras que conhecem dependem de programas como o Bolsa Família. Enquanto outras por terem uma certa idade estão aguardando conseguir a aposentaria. Por esses motivos decidem não fazer parte com medo que seu nome esteja vinculado e assim perderem os benefícios. Em um relato: “só não tem as que têm bolsa família. É que mudou o nome agora

né? Como é mesmo? Auxílio... auxílio Brasil, parece. Aí muitas não fazem com medo de perder o auxílio, entendeu?”

Nesse aspecto, Moraes (2018) evidencia que é preciso se atentar para a maneira como programas a exemplo do Bolsa família é enxergado como políticas de acomodação das rendeiras, pelos agentes estatais, fazendo com que muitas vezes distorça a sua principal função. Segundo a autora, o programa “não é condição para a descontinuidade da atividade de render, mas apenas contribui para a garantia de dignidade da mulher e da família que sobrevivem do trabalho com a renascença” (MORAES, 2018, p.106).

Nessa relação de rendeiras não associadas, foi possível perceber que existem rendeiras no Cariri que continuam trabalhando para Martha Medeiros, preferindo não se associar para não perder esse vínculo com a mesma. Na entrevista, quando perguntei a percepção de outras rendeiras não estarem associadas

Mulher, são vários motivos. Tem rendeira que recebe bolsa família e não quer se associar pra não perder. A carteirinha de artesão... elas têm medo de perder o aposento. Eu falo pra elas: “perde não, eu mesma sou aposentada e não perdi”. Mas, mesmo assim, elas têm medo. Tem umas que trabalha pra Martha, a estilista Martha Medeiros, aí diz “ah, eu não vou me associar que se Martha descobrir que eu tô associada ela não quer mais me dar encomenda” e é isso, sabe? (Rendeira F, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Algumas rendeiras destacaram que já haviam saído diversas vezes das Associações e depois voltado a fazer parte. Um dos motivos seriam as dificuldades de comprar a matéria prima e a alta exigência no padrão das peças, pois, se uma peça não fosse aprovada pela líder seria cortada e a rendeira teria que fazer de novo. Além disso, essa alta cobrança não garantiria a comercialização. Sobre esse aspecto Moraes (2018) evidencia:

Apesar do contentamento de algumas artesãs com as condições proporcionadas pelos novos agentes, quando cessaram as atividades vinculadas ao projeto do Sebrae e do Governo da Paraíba, as rendeiras tiveram que atuar sem ajuda externa e em muitos contextos não foi possível sustentar o trabalho e os rendimentos das associações, algumas das quais, desde a implantação do projeto, já sofriam com problemas de gestão e questões financeiras. Muitas rendeiras se desligaram por não se sentirem mais contempladas pelos benefícios que deveriam receber enquanto associadas (MORAES, 2018, p. 208).

Outro motivo recorrente seriam as intrigas e fofocas entre as associadas. Percebi que não queriam falar sobre isso pois sempre mudavam o assunto, resolvi respeitar a escolha e não me adentrar sobre essa questão. Para Elias e Scotson (2000)

A fofoca, no entanto, sempre tem dois pólos: aqueles que a circulam e aqueles sobre quem ela é circulada. Nos casos em que o sujeito e o objeto da fofoca pertencem a grupos diferentes, o quadro de referência não é apenas o grupo de mexeriqueiros, mas a situação e a estrutura dos dois grupos e a relação que eles mantêm entre si (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 102).

Entre as rendeiras, o papel da fofoca estabelece o reforço da identidade coletiva entre as associações, visto que existe a generalização de rendeiras do Cariri paraibano. Todavia, as rendeiras associadas consideram a qualidade e acabamento de suas peças superior à renda daquelas que não são associadas.

4.1 AS POLÍTICAS DE INCENTIVO À RENDA RENASCENÇA

Quanto ao CRENÇA, localizado no município de Monteiro e que ainda é uma iniciativa recente, as rendeiras veem o espaço como uma possibilidade de melhoria na comercialização. Apesar de alguns relatos evidenciarem que ainda é preciso atrair turismo para o município, a maioria enxerga o CRENÇA como uma grande conquista, pois agora elas teriam um local para expor suas peças. Na fala de uma rendeira: “agora a gente tem lá em Monteiro o CRENÇA, que antes tinha peça da gente que ficava aqui guardado, sabe? e agora a gente tem um lugar pra expor”.

Mesmo assim, nas minhas observações no espaço, percebi pouca movimentação do público. Algumas pessoas entravam, perguntavam o preço e iam embora. A compra e exposição das peças também ocorria pelo Instagram da loja e presenciei algumas vezes as rendeiras mandarem fotos para os clientes, caso alguém comprasse, era combinado que em outro momento passaria no CRENÇA para pegar a peça.

Além disso, algumas costumam receber pedidos de pessoas de outros estados. Nesse caso, a peça é enviada pelos correios. Outro ponto importante é sobre a questão do pagamento. Moraes (2018) elucida que as intervenções promoveram uma melhoria em relação a renascença, já que na comercialização em cidades do estado de Pernambuco, as rendeiras costumavam vender suas peças por um valor menor do que era proposto.

Foi percebido modificações nas formas de pagamento. O CRENÇA atualmente além do pagamento em espécie, também aceita *pix* e cartão nas funções débito e crédito (no qual o cliente pode dividir em parcelas o valor da peça).

Décadas depois da implementação de iniciativas públicas em torno da renascença, o problema recorrente na fala das rendeiras ainda é a dificuldade de comercialização. As rendeiras não possuem uma renda fixa mensalmente, os valores variam mês a mês.

Então, você pode fazer assim: você recebe uma encomenda... você recebe a peça pra fazer, digamos assim, uma blusa pra fazer, então essa blusa é sua, você vai ter que alinhar, fazer com o seu material, aí isso assim é relativo, porque nem sempre você recebe assim a peça pra você dar conta e entregá-la pronta. Uma peça que dure 2 meses pra você fazer custa em torno de 600 reais, então eu vou passar 2 meses pra fazer aquela peça que custa 600 reais. Ou então, a gente recebe das associações, pra fazer por novelo. Então, eu, no meu caso, com os afazeres e as minhas limitações, eu passo 1 semana pra fazer 1 novelo de linha, que a gente chama de desmanchar. Que custa 50 reais se for branco. Se for outra cor já é outro valor, se for preto, vermelho, né? (Rendeira D, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Em outro relato

Olhe, esse mês eu vendi um vestido, e esse vestido fazia tempo que tava pra vender. Mas a gente não vende direto, por causa das vendas que é ruim de vender. Tem também a matéria prima pra trabalhar. Agora mesmo eu tô precisando, mas eu não posso comprar porque a matéria prima é cara e eu só ganho um salário do meu aposento, aí tem outras coisas pra comprar, né? Aí pronto, o material é caro, a mão de obra também pra pagar, que eu sozinha não dou conta (Rendeira G, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Nessa fala é evidente um aspecto não considerado pelos agentes quando se fala na comercialização e divulgação da renda renascença. Apesar das intervenções, nem todas as associações detêm o “capital giro” expressão usada por elas, para comprar a matéria prima e tecer as peças. Essa lacuna abre espaço para aqueles que possuem a condição de suprir as necessidades financeiras básicas da produção. Quando perguntei sobre a inserção dos estilistas, a rendeira relatou

Quem quiser falar, fale. Eu conheço diversos estilistas, já fui pra esses outros lugares. Ronaldo Fraga, Renato Imbrosi, Romero, em João Pessoa, a Martha Medeiros mesmo, mas, assim, quero lhe dizer que, diante de toda a ruindade de Martha, ela foi a que mais assegurou os trabalhos pra as rendeiras daqui. Mas não significa que os demais estilistas tiveram a maior divulgação de vendas, e eu não vou inventar mentira, tem muito que agradecer o apoio dos parceiros, a teoria de cada estilista que passou pela gente, mas não é isso que chegou pra que a gente possa dizer que depois do curso, depois de desfile e que a gente já teve muito... Por exemplo, as peças que foram feitas em 2019, ainda tá aqui. Eu gosto de falar de falar a verdade, quem quiser se ostentar por causa de estilista A ou B pode, mas eu não vou mentir não (Rendeira J, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Quando perguntei a uma líder sobre a dificuldade de comercialização, ela respondeu:

Na minha opinião, eu acho que é na venda e no capital de giro que a gente precisaria ter [ajuda]. Porque se tivesse um capital de giro, tinha peças sobrando. O problema é o material que tá muito caro. A mão de obra a gente paga, por exemplo um novelo de linha branca uns 45 reais, se for branca. Se for colorida sai a 50 reais (Rendeira D, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Com a pandemia, muitas evidenciaram que o alto valor da matéria prima aumentou, sendo um dos motivos que fazem com que algumas decidam sair das Associações.

No começo tem muita associada, viu? Umas 90 e pouca associada. Mas com o tempo vai caindo, umas morrem, outras deixam de fazer e também por causa do capital de giro. Pra gente sustentar rendeira na Associação, tem que ter capital de giro. Associação, você sabe, é sem fins lucrativos, aí, assim, só quando chega muita encomenda que dá pra dividir pra todo mundo. Mas se não for, não se sustenta não (Rendeira B, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

Em meio às capacitações que fizeram ao longo dos anos, o aprimoramento das peças, muitas evidenciaram que a renda renascença ainda não é vendida a um preço justo. Quando perguntei a uma rendeira o que ela achava disso, ela respondeu

Não! Elas não são vendidas a um preço justo e a gente descobre isso quando a gente vai fazer algum trabalho, como esse que você tá fazendo, que aí vai... vai ser discutido várias questões ... e aí a gente vai vendo. Nós fizemos um trabalho com o pessoal do uf... UFPB, que é de João Pessoa. Que eles vieram pra cá, pra fazer esse trabalho, porque eles queriam construir um site, e construíram! Pra... exportar a renda. Então vem vários estudantes... de... língua estrangeira, de economia, vem estudantes dessas tecnologias, e o professor de Economia, o professor... ele falou, né? E até hoje eu lembro, que uma peça tem um preço e um valor. O preço ele não é justo, muito menos o valor. Por quê? Porque quando a gente coloca o valor, a gente tá colocando o nosso tempo, a nossa experiência, os nossos sentimentos, as nossas emoções, os nossos sonhos, então tá todo um trabalho envolvido quando se dá o valor da peça. Então quando a gente foi fazer esse trabalho com a universidade (e isso é importante) a gente percebeu que a gente não [leva] em conta essas questões quando vai colocar o preço na peça. A gente não coloca esse valor... que precisa estar agregado. Geralmente, esses valores, principalmente aqui, eles não são justos (Rendeira C, vinculada como MEI. Entrevista concedida à autora).

Em outros relatos elucidaram que, embora ainda não seja um preço justo, o que não gera lucro, as rendeiras mesmo assim preferem não aumentar o valor, remetendo novamente à dificuldade de vender a peça.

É... umas peças que a gente tá vendendo, assim, não foi muito bom não, que lá fora um vestido deve ser uns 10 mil reais, mas como aqui a gente não tem a quem vender, por aqui mesmo é de graça. Mas a gente não tem a quem vender né? (Rendeira H, membro de associação. Entrevista concedida à autora).

Em uma das minhas observações no CRENÇA, pude presenciar a vinda de uma Caravana no qual Ronaldo Fraga estava presente. Chamada #expediçãocaririronaldofraga. Todos com roupas fluidas olhavam admirados as peças de renda renascença. Aparentemente

de classe média alta, não se preocupavam com o preço das peças, apenas diziam “vou querer essa e essa” e compravam. Todos reconheceram os vestidos da coleção do estilista que estavam expostos na vitrine do CRENÇA, além de colares inspirados na sua coleção (uma das peças mais vendidas, a maioria comprava e já colocava no pescoço).

Dentre uma das cenas, uma moça parecia preocupada pois não havia encontrado um número exato de 8 sousplat idênticos, para sua mesa de 8 cadeiras. A rendeira logo mencionou que, para comprar peças nessa quantidade é necessário encomenda prévia, além de que cada sousplat pode ser vendido separadamente. Muitos acabaram levando um número considerável de apliques de renascença, segundo algumas falas “lá no Sul não tem²⁷”. Parecia que Raquel de Queiroz teria viajado ao futuro e escrito o poema Renda da Terra observando a cena.

*É como a trama da renda da terra,
Que a rendeira rebate e retorce e pontilha os espinhos,
Na ânsia de endurecer a graça petulante de uma traça,
no afã de alinhar mais o trocado do ponto de filó,
e sai tão fina, tão delicada, tão perfeita,
que vocês, meus irmãos do Sul, mandam buscá-la aqui, na
barraquinha anônima das várzeas, para ostentá-la, depois,
no meio do seu luxo.*

Renda da Terra – Raquel de Queiroz

Algo que considero importante mencionar é que em todas as peças de renascença no CRENÇA, possuem uma etiqueta indicando o nome da rendeira, o valor da peça, e a cidade/associação em que foi feita. A vista disso, uma rendeira mencionou que certa peça ela que teria feito, fazendo a observação de que o seu nome estaria na etiqueta. Muitos olharam surpresos, pois não haviam reparado nesse “pequeno” detalhe. Em um comentário: “eita, é mesmo, deixa eu ver”. Me pedindo para que eu segurasse a etiqueta pois, depois de saber disso, queria tirar uma foto. Nessa situação, sobre o valor simbólico da renascença para as rendeiras “é como se a mercadoria não se destinasse ao consumo, mas ao simples uso, o que nega a própria essência da mercadoria” (MARTINS, 2008, 33).

As caravanas são organizadas por integrantes do perfil no Instagram (@quevisu) e não engloba somente a renda renascença, mas pontos turísticos da região do Cariri paraibano. Alguns dos pontos visitados estão: a Fazenda Carnaúba, em Taperoá, Lajedo de Pai Mateus, em Cabaceiras, e o CRENÇA, em Monteiro. Qualquer pessoa pode fazer parte da expedição em que os organizadores informam as datas e o número de vagas disponíveis através do seu

²⁷ As pessoas que vieram na caravana são de vários estados do Brasil. Sobre a caravana será melhor detalhada nos resultados

perfil no instagram. Dentre aqueles que já fizeram parte, destaca-se a atriz global Maitê Proença.

Fotografia 7 - Foto de uma das Caravanas #expediçãocariririonaldofraga



Fonte: Perfil do Instagram @rendasdocariri²⁸ (2022).

²⁸ Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYrhuArlmDW/?utm_medium=copy_link . Acesso em: 29 mar. 22.

Fotografia 8 - Foto da visita da atriz Maitê Proença ao CRENÇA



Fonte: Perfil do Instagram @rendasdocariri (2022).

Conforme acompanhamento na rede social Instagram, no dia 17 de março de 2022, o CRENÇA e a associação de Zabelê receberam a visita de Representantes do Conselho Internacional do Artesanato. Na manhã seguinte, os municípios visitados foram São Sebastião do Umbuzeiro, São João do Tigre e Camalaú.

Fotografia 9 - Foto da Visita do Conselho Internacional do Artesanato ao CRENÇA



Fonte: Perfil do Instagram @annalorenanobrega²⁹ (2022).

A visita da presidente do Conselho Bárbara Velasco (Chile), e demais representantes, Laura Miguel Baumann (Espanha) e Alberto Beltolaza (Uruguai), também foi registrado no perfil do Programa Artesanato Paraibano (PAP). Na publicação do instagram foi evidenciado:

A visita é resultado da provocação feita ao referido Conselho para tornar Monteiro a única Cidade de referência Mundial na produção da Renda Renascença. O documento foi enviado por e-mail ao Conselho acompanhado de uma carta de recomendação do Governador João Azevedo, da Prefeita Anna Lorenna, da Gestora do PAP, Marielza Rodriguez e do Diretor Técnico do Sebrae PB, Luiz Alberto Amorim. (...)

²⁹ Instagram. *Print screen*. Disponível em: https://instagram.com/annalorenanobrega?utm_medium=copy_link . Acesso em: 30 mar. 22.

O Título para Monteiro é o coroamento do **grande investimento que o Governo do Estado, Prefeitura Municipal de Monteiro e Sebrae estão fazendo para que as mais de três mil rendeiras vendam seus produtos e consequentemente melhorem a qualidade de vida de suas famílias**³⁰ (grifo nosso).

Ora, na pesquisa não foram identificadas 3 mil rendeiras vinculadas a associações. Mesmo assim, é cabível salientar que esse número abrange aquelas que não são associadas. O que nos faz refletir sobre o descompasso entre a expectativa do governo do estado e quais são verdadeiramente o número de rendeiras que estão sendo contempladas a partir dessas ações.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a prefeita de Monteiro Anna Lorena Nóbrega, utiliza frequentemente máscaras de renda renascença em eventos públicos e visitas a Brasília, chegando também a presentear a primeira dama do Brasil Michelle Bolsonaro, na sua visita à Paraíba em fevereiro de 2022.

Fotografia 10 - Prefeita Anna Lorena presenteia a primeira dama Michelle Bolsonaro com uma peça de renascença



Fonte: Perfil do Instagram @annalorenanobrega (2022).

³⁰ Trecho retirado de uma publicação no perfil do instagram do Programa Artesanato Paraibano (@artesanatopap). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CbPxu0brDZN/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 19 mar. 22.

Essa iniciativa de divulgação da renda renascença de gestores municipais, também foi percebida na fala de uma rendeira da associação de São Sebastião do Umbuzeiro, na qual comentou que havia recebido uma encomenda para ex-presidenta Dilma Rousseff: “uma vez mandaram fazer... é... um chapéu pra Dilma! Na época que ela era presidente, pra dar de presente a ela. Foram lá pra Brasília e levaram de presente o chapéu, ficou muito bonito (risos) era até um chapéu preto”.

Quanto às ações de incentivo à renda renascença nos outros municípios, foi constatado que as prefeituras colaboram para o pagamento das contas de água e luz das associações. Além disso, quando há eventos em outras cidades ou estados, disponibilizam transporte e/ou custeio para alimentação.

Com relação a Coopetigre, localizada no município de São João do Tigre, foi fundada no ano de 2017. Essa iniciativa vincula atividades da agricultura familiar e de artesãos do município. Na entrevista, quando perguntei ao representante sobre a importância da cooperativa ele respondeu:

A importância de você juntar né? As pessoas pequenas pra ficar num conjunto, melhorar as coisas, pra vender, entendeu? A função dela, a maior dificuldade é de vender né? De produtos que vem da agricultura, leite, queijo, cerâmica, artesão que produz seu artesanato e vender. E aí vem por essa via, a cooperativa foi fundada pra facilitar a venda. Que era os que ele tinha mais dificuldade de vender, eles falavam que faz mas quando é na hora de vender né? Tá distante do comércio e aí a cooperativa ela é estadual e facilita essas vendas de todos os cooperados (Representante Coopetigre. Entrevista Concedida à autora).

Sobre o que poderia ser feito pelos agentes estatais para a melhoria da Cooperativa, ele destacou:

É... a relação pra melhorar é mais os próprios cooperados se juntar pra cobrar uma maior participação do poder público. Até pra facilitar essa participação. Mas tem capacitação, por exemplo, tem a loja que é a Ecoparaíba que o estado cedeu pra cooperativa administrar e aí tem a parte da capacitação né? Que o estado entra nessas histórias (Representante Coopetigre. Entrevista Concedida à autora).

A Ecoparaíba é uma loja localizada em João Pessoa, que ressalta a economia solidária entre os envolvidos. Os agricultores e rendeiras do município de São João do Tigre podem estar expondo suas peças e produtos e caso seja realizada a venda, a Cooperativa recebe uma porcentagem por isso.

Uma das iniciativas realizadas entre setembro de 2020 e dezembro de 2021, foi promovida pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) através do Projeto de Extensão pioneiro em Comércio exterior (Probex Comex). As ações contaram com o apoio do Sebrae e

das prefeituras dos municípios evidenciados nesse trabalho. Como resultado, o projeto entregou às rendeiras o site “Mãos do Cariri³¹”, a partir do qual espera-se alavancar as vendas em outros estados brasileiros e a exportação para outros países.

Nesse sentido, as rendeiras desde já estão se organizando e produzindo peças que serão apresentadas em um desfile ainda sem data confirmada. Segundo as mesmas, provavelmente irá ocorrer nos meses de junho ou julho de 2022.

Como já foi mencionado no percurso metodológico, no início da pesquisa tive a oportunidade de conhecer a associação de Monteiro (RENASCI), localizada na rua Coronel Manoel Rafael. Conversando com a líder da Associação, na finalização desse trabalho, ela me contou que as rendeiras da Associação passarão a se reunir no 1º andar do CRENÇA. O mesmo endereço receberá também reuniões realizadas pelo CONARENDA.

Apesar do CRENÇA ter sido inaugurado recentemente, as rendeiras se veem esperançosas quanto à expectativa de não depender exclusivamente das iniciativas de agentes estatais. Quando perguntei a uma rendeira sobre o funcionamento do CRENÇA, ela respondeu

Temos ainda a dificuldade de comercialização, mas sempre tem... assim, a gente já uma porcentagem garantida pra quando tiver qualquer problemas técnicos dentro da loja ter condições de pagar sem pedir a prefeitura, sem pedir a Sebrae, a ninguém. Então a gente já tá com um dinheiro em caixa das vendas que aconteceu. Nas peças que vendem fica 10% pra manutenção da loja, sabe? Assim, não tem muito porque a crise é feia né? E não tem sempre turista em Monteiro (Rendeira D, líder de associação. Entrevista concedida à autora).

A 33ª edição do Salão do Artesanato Paraibano se destaca nesse sentido, pois acumulou ao final do evento mais de R\$ 1,2 milhão em vendas³². Em conversa com as rendeiras, elas destacaram que seu Stand era um dos mais visitados, mas que as vendas diminuíram após as suspeitas de casos de Covid-19 no salão, que aconteceu nas primeiras semanas.

Retomando as caravanas #expediçãoocaririronaldofraga mesmo não sendo especificamente direcionadas a renda renascença, se constituem como um importante incentivo à comercialização. Na fala de uma rendeira está presente esse aspecto: “nessas caravanas que Ronaldo veio, foi muito bom, toda vez que vinham compravam 3, 4 mil reais. Na última foi 2 e pouco. Então pra gente tá ótimo, mesmo que seja assim... Tá vingando,

³¹ Site Mãos do Cariri <https://maosdocariri.com.br/>

³² Jornal da Paraíba. Salão do Artesanato 2022 registra mais de R\$ 1,2 milhão em vendas. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/economia/2022/02/07/salao-do-artesanato-2022-registra-mais-de-r-12-milhao-em-vendas> . Acesso em: 23 mar. 22.

né?”. Essas caravanas não acontecem com frequência, a partir do acompanhamento do perfil (@quevisu) a data da próxima está prevista para acontecer em agosto e outubro de 2022.

As conversas informais e as entrevistas realizadas com as rendeiras evidenciaram as angústias e incertezas em torno da renascença. Foi possível perceber que, mais do que uma atividade econômica, a renda renascença significa um símbolo de pertencimento em que as rendeiras persistem dia após dia para que essa seja valorizada por todos aqueles que a conhecem.

Então... é... a questão de pertencer, você traz esse pertencimento da sua identidade, é da sua infância, da sua família, dos encontros, então é uma forma de você estar junto ali com todos, é um momento muito prazeroso. A gente fazia a renda, tipo assim fazia uma toalha, e quando era pra render ai vinha todo mundo. E como eu disse a você pelo tempo da entrega e também pra ajudar. A gente se reunia ali, na casa de uma ou de outra e fazia o trabalho que hoje é cientificamente comprovado que o trabalho da economia solidária. A gente nem sabia na época que tava trabalhando a solidariedade dessa questão econômica e... era um momento assim de todas estar juntas né, compartilhando, se divertindo, são momentos e lembranças boas que fazem com que a gente veja o quanto né a renda [renascença] ela traz esse valor pra nossa vida (Rendeira B, líder de Associação. Entrevista concedida à autora).

Existe uma preocupação das rendeiras com o futuro da renda renascença, evidenciada, por exemplo, na fala de uma entrevistada que gostaria que a renascença fosse apresentada nas escolas ou na universidade, como espécie de tema transversal, promovendo o interesse e respeito pela atividade que muitas vezes é realizada pelas pessoas mais velhas da família e que os jovens não valorizam.

Então como você tá fazendo um trabalho de universidade e a gente queria também que esse trabalho que tá sendo feito e que... de alguma forma os gestores, eles se interessassem pra renda [renascença]. Porque se eu sei e outras pessoas da família não se interessam e quando eu morrer? Então acaba. Digamos assim, daqui a 50 anos, quem é que vai estar fazendo renda, né? Onde é que a renda está e qual o papel? (Rendeira C, vinculada como MEI. Entrevista concedida à autora).

Na maioria das entrevistas, as rendeiras faziam questão de me mostrar as peças que estavam fazendo, sempre prestativas e satisfeitas com o interesse pela atividade: “Olhe, se você precisar de foto das peças que eu faço pode dizer que eu mando viu?”; “o ponto que eu mais gosto é o pipoca, os outros também bonitos sabe? Mas eu gosto mais desse. Pera aí, deixa eu pegar uma peça aqui pra te mostrar”. As entrevistas realizadas remotamente não impediam que transparecesse o quão estavam alegres em falar da renascença, relatar suas percepções e o que se a renda significava na vida de cada uma delas.

Apesar de todas as dificuldades de comercialização, elas ainda se veem esperançosas para que esse cenário melhore. Sobre os sonhos, uma das rendeiras menciona: “hoje eu domino 140 pontos de renda renascença. Muitos são de minha própria autoria sabe? Mas, assim, eu gosto muito de criação, e se tivesse aqui por perto um curso de designer eu com a idade que eu tô ainda tinha coragem de fazer, você acredita”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada em torno da produção de renda renascença na Paraíba, buscou evidenciar a perspectiva das rendeiras e suas interpretações sobre o que foi e o que está sendo implementado pelo Governo do Estado, Sebrae e demais agentes estatais. Enveredamos por um caminho da sociologia da vida cotidiana, viés teórico ainda não abordado pelos autores nas pesquisas sobre a renascença. Através da observação participante no CRENÇA e aplicação de 13 entrevistas semiestruturadas (11 rendeiras, 1 estilista, 1 representante de uma cooperativa).

No que se refere as indagações da pesquisa, foi constatado a partir dos resultados frustrações das rendeiras em relação a comercialização, o alto custo da matéria prima, a desvalorização da renascença da geração mais jovem e a visão negativa de estilistas que não creditam as peças produzidas no Cariri paraibano.

Nem todas as hipóteses da pesquisa foram confirmadas, algumas foram refutadas, enquanto outras confirmadas em parte. Percebeu-se que as ações ainda não são suficientes para que a renda renascença se torne a renda principal da família. Em relação ao último desfile #Somostodosparaíba, apresentado no São Paulo Fashion Week, em 2020, trouxe de certa forma visibilidade para as rendeiras, mas alguns dos vestidos da Coleção não foram vendidos. O que dificulta a falta de recursos nas associações para que as rendeiras possam comprar a matéria prima e posteriormente tecer mais peças. A falta desse “capital de giro” expressão utilizada por elas, provoca uma vulnerabilidade nas associações, pois não garante os subsídios para que as rendeiras permaneçam vinculadas. Nesse quesito, é necessário estudos futuros que contemplem essa indagação, visto que as entrevistas foram apenas com rendeiras associadas.

Diante dos relatos percebeu-se que, na prática, as ações de incentivo e fomento à renda renascença não alcançam o resultado esperado. As rendeiras associadas ainda encontram os problemas mais recorrentes, a produção e a venda das peças. Mesmo assim, as rendeiras persistem para que o mínimo que é oferecido através das políticas de incentivo se converta em valorização para a renascença. Todavia, o convívio pessoal e a necessidade de negociações e ajustes com grupos maiores são alguns dos desafios para que se alcance os objetivos anunciados com as associações ou iniciativas coletivas como o CRENÇA.

A renascença, para as rendeiras, significa mais do que uma fonte econômica, remete a um valor simbólico, algo que faz parte de sua história. Nesse sentido, suas percepções se constituem como importante fonte de análise para que os agentes percebam se as ações

implementadas estejam atingindo de fato a vida das rendeiras. Em síntese, fica manifesta a relevância de pesquisas futuras sobre dimensões da renascença que não foram contempladas considerando a limitação da pandemia mundial e sobretudo a perspectiva de rendeiras não vinculadas as associações.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Else de Farias.; MENEZES, Marilda. O valor material e simbólico da renda renascença. **Revista de Estudos Feministas [online]**. 2007, vol. 15, n. 2, p. 461-467. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n2/a13v15n2.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2022.

ALBUQUERQUE, Else de Farias. **Desmanchando novelas e tecendo sonhos: a vida das rendeiras de Camalaú**. Campina Grande/PB. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UFPB, 2002.

ALOK. **Instagram** @alok. São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CYNORn_F0j0/?utm_medium=copy_link Acesso em: 26 mar. 22.

ANNA LORENA NÓBREGA. **Instagram** @annalorenanobrega. Paraíba, 2022. Disponível em: https://instagram.com/annalorenanobrega?utm_medium=copy_link Acesso em: 30 mar. 22.

CAIRO, Bruna. **Ronaldo Fraga exhibe Coleção no SPFW produzida no Cariri paraibano**. Medium/ Jornal da Paraíba, 2020. Disponível em: <https://medium.com/mat%C3%A9rias-para-o-jornal-da-para%C3%ADba/ronaldo-fraga-exibe-cole%C3%A7%C3%A3o-no-spfw-produzida-no-cariri-paraibano-148c59b55a8c> . Acesso em: 26 de mar. 22.

CAMARGO, Carina. **Fernanda Yamamoto Participa do MICSUL na Colômbia**. Moda Works, 2016. Disponível em: <https://www.modaworks.com.br/site/fernanda-yamamoto-participa-do-micsul-na-colombia/> . Acesso em: 26 mar. 22.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Editora: Vozes, Rio de Janeiro, 1998.

CRENÇA. **Instagram** @rendasdocariri. Paraíba, 2022. Disponível em: https://instagram.com/rendasdocariri?utm_medium=copy_link . Acesso em: 26 mar. 22.

CRENÇA. **Mãos do Cariri**. Disponível em: <https://maosdocariri.com.br/> . Acesso em: 26 mar. 22.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial, 2017.

ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FUNDO Internacional de Desenvolvimento Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, Agência Espanhola de Cooperação Internacional. **Pontos e histórias: Renda Renascença e Mulheres Rendeiras**. Salvador, Bahia: IICA, 2017.

GOVERNO DA PARAÍBA. **João Azevêdo inaugura Centro de Referência da Renda Renascença e destina R\$ 760 mil a rendeiras pelo Empreender-PB**, 2021. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/joao-azevedo-inaugura-centro-de-referencia-da-renda-e-destina-r-760-mil-a-rendeiras-pelo-empreender-pb>. Acesso em: 25 mar. 22.

GOVERNO DA PARAÍBA. **Renda renascença será destaque no "São Paulo Fashion Week "**, 2020. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias/renda-renascenca-sera-destaque-no-sao-paulo-fashion-week> . Acesso em: 25 mar. 22.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> . Acesso em: 25 mar. 22.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL E ESTADUAL. **Perfil - Atlas de desenvolvimento Humano no Brasil**, 2013. Disponível em: <https://ideme.pb.gov.br/> . Acesso em: 25 mar. 22.

JORNAL da Paraíba. **Salão do Artesanato 2022 registra mais de R\$ 1,2 milhão em vendas**. 2022. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/economia/2022/02/07/salao-do-artesanato-2022-registra-mais-de-r-12-milhao-em-vendas> . Acesso em: 26 mar. 22.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. Editora Contexto: São Paulo, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**. Editora Contexto: São Paulo, 2014.

MEDEIROS, Martha. **Olhar do Sertão**. Disponível em: <https://marthamedeiros.com.br/pages/olhar-do-sertao> . Acesso em: 26 mar. 22.

MEDEIROS, Martha. Vestido Longo Mila Renascença. **Martha Medeiros**, 2022. Disponível em: <https://marthamedeiros.com.br/collections/festa/products/vestido-longomilarenascenca> . Acesso em: 26 mar. 22.

MONTEIRO, José Marciano. **10 Lições sobre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MORAES, Carla Gisele Macedo S. M. **RENASCENÇA EXTRAORDINÁRIA**: dinâmica social e produtiva em transformação no Cariri paraibano. 2018. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB, 2018.

MORAES, Carla Gisele Macedo S M. Entre a Proteção Social e a Emancipação: estratégias de sobrevivência de artesãs rendeiras no Cariri paraibano. **Anais do XV Encontro Nacional da ABET**. Trabalho, crise e desigualdade: caminhos e descaminhos da sociedade contemporânea. ISSN: 2318-9517. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/Entre a protecao social e a emancipacao.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Entre%20a%20protecao%20social%20e%20a%20emancipacao.pdf) . Acesso em: 25 mar. 22.

NOGUEIRA, Clara. **Renda Renascença**. Mulheres que Tecem Pernambuco [s.d.]. Disponível em: <http://mulheresquetecempe.com.br/arte/renda-renascenca/> . Acesso em: 26 mar. 22.

PAP. **Instagram** @artesanatopap. Paraíba, 2022. Disponível em: https://instagram.com/artesanatopap?utm_medium=copy_link . Acesso em: 30 mar. 22.

PORTAL Paraíba Já. **Rendeiras do Cariri da PB aguardam com expectativa ‘São Paulo Fashion Week’**, 2020. Disponível em: <https://paraibaja.com.br/rendeiras-do-cariri-da-pb-aguardam-com-expectativa-sao-paulo-fashion-week/> . Acesso em: 26 mar. 22.

RODRIGUES, Maria Adriana Farias. **Agulhas de sangue: renda renascença e expropriação do trabalho: análise da comunidade rural no Cariri Paraibano e da produção industrial na cidade de Poção-PE.** 2019. Monografia (Graduação em Ciências Sociais).

RUBIN, Rachel. **A marca brasileira que ganhou o mundo.** IstoÉ Dinheiro, 2018. Edição Nº 1266 25.03. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/marca-brasileira-que-ganhou-o-mundo/> . Acesso em: 26 mar. 22.

SEBRAE. **Indicações geográficas brasileiras.** Artesanato. Brasília: SEBRAE, INPI, 2014. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/60a0212a2ad47dfa9fbae42a97926669/\\$File/5185.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/60a0212a2ad47dfa9fbae42a97926669/$File/5185.pdf) . Acesso em: 25 mar. 22.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, F. de M. **A renda renascença na Paraíba: enredos de cultura, moda e desenvolvimento.** 2019. 147f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB.

SILVA, Fabiana Miranda; GUERRA SOBRINHO, Lemuel Dourado. A renda renascença na Paraíba: enredos de cultura, moda e desenvolvimento regional. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 107-132, jul. 2021. ISSN 2317-5443. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/9073>. Acesso em: 17 fev. 2022.

TERRA, Mayra.; CIPINIUK, Alberto. Design, artesanato e arte: algumas considerações sobre suas interseções e distinções. **Revista Scientiarum História**, v. 1, p. 10, 10 dez. 2019.

TUREK, Cris. **Associação dos Artesãos de Monteiro premiada no 1º Prêmio Objeto Brasileiro.** Vila do Artesão, 2008. Disponível em: <http://www.viladoartesaos.com.br/blog/associacao-dos-artesaos-de-monteiro-entre-os-premiados-do-1%C2%BA-premio-objeto-brasileiro/> . Acesso em: 28 mar. 22.

WHYTE, Willian Foote. **Sociedade de Esquina.** Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de Entrevista – Rendeiras integrantes do Centro de Referência da Renda Renascença – CRENÇA

- 1- Nome
- 2- Idade
- 3- Me conta um pouco da sua história com a renda renascença
- 4- Quantas pessoas residem na sua casa e qual a principal fonte de renda da família?
- 5- Porque decidiu fazer parte de uma Associação?
- 6- Como funciona a Associação?
- 7- Fez alguma capacitação depois que foi inserida na Associação?
- 8- O que mudou na sua rotina depois que começou a fazer parte?
- 9- Como é dividido o valor das peças?
- 10- Eu vou perguntar, mas você não precisa dizer se não se sentir à vontade, tá? Quanto mais ou menos você tira por mês com a renda renascença?
- 11- Você recebe algum tipo de auxílio da prefeitura de sua cidade?
- 12- Você ensina/ou o ofício a algum parente?
- 13- Você acha que as peças são vendidas a um preço justo?
- 14- Já saiu da sua cidade para vender em outro município ou região?
- 15- Em média, quantas peças costuma fazer por mês?
- 16- Já se sentiu sobrecarregada pela demanda das peças?
- 17- Você acha que o apoio governamental e de entidades é suficiente?
- 18- A partir da inserção de alguns estilistas, houve aumento pela procura das peças?
- 19- Houve algum impacto/aumento na renda mensal?
- 20- Qual peça de renda renascença costuma vender mais?
- 21- Além das encomendas pela Associação você costuma receber pedidos diretos?
- 22- Você costuma usar peças de renda renascença? (questionar caso a resposta seja não)
- 23- Quais são, na tua opinião, as maiores dificuldades pra quem quer trabalhar com renda renascença?

Bloco II sobre a Associação

- 1- Como surgiu a ideia da Associação e em que ano foi fundada?
- 2- O que mudou na sua rotina depois que começou a fazer parte?

- 3- Quantas rendeiras participam?
- 4- Me conta um pouco da rotina na Associação
- 5- Como se dá a distribuição das encomendas e o valor das peças?
- 6- Como aconteceu a parceria com as estilistas?
- 7- Além de estilistas vocês fazem outras parceiras? Como é feita essa articulação?
- 8- As rendeiras recebem algum auxílio das prefeituras de suas cidades?
- 9- Sobre os eventos que ocorrem em outras cidades ou estados, vocês recebem ajuda nos custos?
- 10- Por qual motivo você acha que algumas rendeiras preferem não participar das associações?
- 11- O que a renda renascença significa na sua vida?
- 12- Eu queria terminar fazendo um exercício de imaginação contigo. Em um mundo ideal, em que tudo fosse perfeito, como seria tua relação com a renda renascença? Você ainda faria renda?

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista – Estilista Ronaldo Fraga

- 1- Como surgiu a ideia de trabalhar com a renda renascença?
- 2- Como foi feito o contato com as rendeiras? Através de quem?
- 3- Como funciona a compra das peças? Por quem é estipulado o valor?
- 4- Você acha que existe diferença entre a renda da Itália e a renda brasileira?
- 5- Dentre as suas coleções “Quem Matou Zuzu Angel” em 2001 e a coleção “Zuzu Angel” em 2020, porque essa junção da figura de Zuzu à renda renascença aqui do Cariri?

APÊNDICE C

Entrevista com o representante da Coopetigre

1. Em que ano foi fundada a cooperativa?
2. Como funciona a cooperativa?
3. A cooperativa possui sede própria?
4. Você é o representante desde que ano?
5. Na sua opinião qual a importância da cooperativa?
6. Quais as ações que tem sido feitas no que se refere a renda renascença?
7. Como é a articulação com o poder público? Assim, com a Prefeitura, governo do estado, vocês recebem algum tipo de apoio?
8. A cooperativa recebe algum auxílio?
9. Quais as maiores dificuldades enfrentadas pela cooperativa?
10. O que você acha que poderia ser feito, pelos agentes estatais, para melhorar o funcionamento da cooperativa?